



ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE TRABALHO
ESCRITÓRIO REGIONAL PARA AMÉRICA LATINA E O CARIBE
Programa Internacional para a Eliminação do Trabalho Infantil - IPEC



TRABALHO INFANTIL DOMÉSTICO



O trabalho doméstico infanto-juvenil em Campo Grande – M.S.

Experiencias América
Autora: Universidade Católica
Dom Bosco - UCDB
Centro de Ciências Humanas e
Sociais - C.C.H.S.

Sistema de Información Regional sobre Trabajo Infantil – SIRTI-
Tel: 511-2150327 / 511- 221-2565, Fax: 511- 4215292. E- mail: sirti@oit.org.pe
Las Flores 295 San Isidro, Lima 27. Casilla Postal 14-124, Lima 14.
IPEC Sudamérica

O presente relatório de pesquisa é resultado do trabalho de estágio supervisionado realizado pelos acadêmicos/estagiários do 4º semestre de 2000/B do Curso de Serviço Social.

A coordenação da pesquisa e elaboração do relatório final esteve a cargo das professoras: Eloisa Castro Berro; Maria Aparecida de Assunção Ribeiro; Maria José Rodrigues da Cruz e Vânia Chaves Oliveira Aragão.

SUMÁRIO

AUTORA: UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO - UCDB	1
SUMÁRIO.....	3
ESCLARECIMENTOS	6
OS ACADÊMICOS/ESTAGIÁRIOS, NUM TOTAL DE 61 (SESSENTA E UM) FORAM DIVIDIDOS EM 12(DOZE) GRUPOS COM 4(QUATRO) E/OU 6(SEIS) ELEMENTOS. CADA COMPONENTE DO GRUPO ENTREVISTOU E PREENCHEU 5(CINCO) FORMULÁRIOS.....	6
INTRODUÇÃO	8
I – IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHADOR DOMÉSTICO INFANTO – JUVENIL	11
SEXO	11
IDADE.....	12
TABELA 4: NATURALIDADE.....	13
NATURALIDADE	13
<i>Quantidade</i>	14
II – IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLARIDADE DO TRABALHADOR DOMÉSTICO INFANTO-JUVENIL	15
TABELA 7: A CRIANÇA/ADOLESCENTE ESTUDA?	15
<i>Quantidade</i>	15
<i>Quantidade</i>	15
<i>Quantidade</i>	16
<i>Quantidade</i>	17
<i>Quantidade</i>	17
<i>Quantidade</i>	18
<i>Quantidade</i>	18
<i>Quantidade</i>	19
<i>Quantidade</i>	20
III - O MUNDO DO TRABALHO DO TRABALHADOR INFANTO-JUVENIL	20
TABELA 16: O TRABALHO É REMUNERADO?	21
REMUNERAÇÃO	21
TABELA 17: QUANTO?	22
VALORES R\$	22
TABELA 18: UTILIZAÇÃO DA RENDA.....	22
UTILIZAÇÃO DA RENDA	22

TABELA 19: COMO É REMUNERADO	23
REMUNERAÇÃO	23
OUTRO – QUAL?	23
TABELA 20: IDADE EM QUE COMEÇOU A TRABALHAR	24
IDADE	24
<i>Quantidade</i>	24
TABELA 21: MOTIVO PELO QUAL COMEÇOU A TRABALHAR	26
MOTIVO	26
TABELA 22: TIPO DE ATIVIDADE QUANDO COMEÇOU A TRABALHAR	27
ATIVIDADE	27
<i>Quantidade</i>	27
TABELA 23: TIPO DE TRABALHO QUE EXECUTA	28
TIPO DE TRABALHO	28
TABELA 24: NÚMERO DE HORAS TRABALHADAS	28
HORAS	28
TABELA 25: FREQUÊNCIA NO TRABALHO	29
FREQUÊNCIA	29
OUTROS – QUAIS?	30
TABELA 26: POSSUI REGISTRO EM CARTEIRA	31
REGISTRO	31
TABELA 27: VIOLÊNCIA FÍSICA OU VERBAL NO TRABALHO	31
VIOLÊNCIA	31
<i>Quantidade</i>	31
TIPOS DE VIOLÊNCIA	32
IV - A SAÚDE E O TRABALHO DOMÉSTICO INFANTO JUVENIL	33
<i>Quantidade</i>	33
ACIDENTE	34
<i>Quantidade</i>	36
<i>Quantidade</i>	36
<i>Quantidade</i>	37
V - O TRABALHO DOMÉSTICO INFANTO-JUVENIL E O LAZER	39
VI - O TRABALHADOR DOMÉSTICO INFANTO-JUVENIL E SUA FAMÍLIA	42
TABELA 36: OCUPAÇÃO DOS PAIS	42
OCUPAÇÃO	42
TABELA 37: GRAU DE ESCOLARIDADE DOS PAIS	43
ESCOLARIDADE DOS PAIS	43
<i>Quantidade</i>	43
TABELA 38: RENDA FAMILIAR	43
RENDA FAMILIAR	43
VII – O COTIDIANO DO TRABALHADOR DOMÉSTICO INFANTO-JUVENIL	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
BIBLIOGRAFIA	50
ANEXO 01 CARTA DE APRESENTAÇÃO	51

ANEXO 02 FORMULÁRIO	52
BLOCO 1- CONTROLE	52
BLOCO II - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	52
BLOCO V - SAUDE.....	54

ESCLARECIMENTOS

A presente pesquisa foi desenvolvida no segundo semestre de 2000, pelos estagiários do 4º semestre do curso de Serviço Social, nas disciplinas de Estágio Supervisionado I e Pesquisa em Serviço Social II.

Este trabalho foi desenvolvido fazendo a inter-relação da pesquisa com o estágio supervisionado. O estágio é um momento, no interior do processo de formação profissional, em que se articulam saberes, ideologias e direções sociais conformando uma relação de natureza político/pedagógica e teórica/metodológica entre a prática acadêmica e a realidade social.

Os acadêmicos/estagiários, num total de 61 (sessenta e um) foram divididos em 12(doze) grupos com 4(quatro) e/ou 6(seis) elementos. Cada componente do grupo entrevistou e preencheu 5(cinco) formulários.

A Coordenação de Estágio do Curso de Serviço Social encaminhou os grupos para a realização das entrevistas com a devida identificação: carta de apresentação e crachá (anexo nº 01).

Os grupos receberam orientação e supervisão nas aulas das disciplinas envolvidas, onde foram discutidos sistematicamente os dados a serem levantados, as categorias conceituais, os objetivos e a bibliografia específica. O conteúdo de cada parte desta pesquisa está registrada na Introdução.

A pesquisa foi coordenada pelas professoras: Eloísa Castro Berro; Maria Aparecida de Assunção Ribeiro; Maria José Rodrigues da Cruz e Vânia Chaves Oliveira Aragão.

Registramos, ainda, a relação dos acadêmicos, estagiários que participaram da pesquisa: Adriana Aparecida Theodoro; Alci Rosa da Silva Cardoso; Amélia Rodrigues Amorim; Ana Cristina Francisca de Araújo; Ana Maria Dehn dos Santos; Andrea Pontes de Paiva Bassalo; Aparecida Emiliano S. Di Benedetto; Bárbara Jandaia de Brito Nicodemos; Carla Regina Antonioli; Cilce Ferreira da Silva Oliveira; Cínthia Sulzer Parada; Cíntia Venâncio Fagundes; Daniela Pereira Faria; Eliane Neves de Souza; Elisângela Mertens; Elisângela Yamashiro Paulino; Elisângela Rezende Garcia; Elza Alves Dias; Fábila Alessandra de Carvalho Dias; Fabiana Lúcia Silva; Gesiane de Melo Raul; Helley de Souza Marques; Idália Lemes Tenório; Ionice Garcia Dias; Janete Aparecida Bastiane; Janice da Silva Nogueira; Jeanne do Amaral Perez; Juliane Faleiro; Jurema Belchior da Silva; Kerla Lopes Pereira; Lenir de Carvalho Machado; Letícia Geovanni Silva; Lúcia de Fátima Elias de Souza; Luciana Pauli; Luciana Rojas Leal; Márcia Carvalho da Silva; Márcia Teodora de Oliveira; Maria Aparecida Salles; Maria Fernanda Brown da Silva; Maria Helena de Brito Sanches; Maria Nazareth Bento de Arruda; Maria Vieira Queiroz; Maristela de Lira; Meire Adriana Pasquini; Minervina Aparecida dos Santos; Nádia Terezinha dos Santos; Patrícia dos Santos Pires; Patrícia Paim Dias; Rachel Margotti dos Santos; Rejanês Chaves dos Santos; Rodrigo Patay Sotomayor; Rosângela Aparecida Machado de Matos; Rose Aparecida Sabença Delgado; Rosely Rodrigues do Vale; Rosemari Capellari da Luz; Saturnina Corvalan; Silvana da Luz Pessoa; Silvana Maria Monteiro da Silveira; Vera Lúcia Tivirolli; Werner Gemperli Neto; Zaira Guazina dos Reis.

Registramos também o apoio das pessoas abaixo relacionadas:

- ♣ Laís Castro Berro pela digitação;
- ♣ Ariovaldo Ortiz da Cruz pela digitação, elaboração das tabelas e gráficos;
- ♣ Regina Rupp Catarino (Coordenadora) e Maristela Borges Saravi (Vice Coordenadora) do Grupo Especial de Combate ao Trabalho Infantil e Proteção ao Trabalhador Adolescente – DRT/MS, pela contribuição na elaboração do formulário, palestra e materiais bibliográficos.

INTRODUÇÃO

O tema da presente pesquisa foi o trabalho doméstico infanto-juvenil remunerado ou não, realizado para terceiros.

Foram idéias norteadoras desta proposta as abaixo elencadas:

- ♣ A crença de que o processo de produção de conhecimento deve ser construído coletivamente;
- ♣ O reconhecimento de que o confronto de saberes e experiências dos diferentes agentes: estagiários, professores, população pesquisada e demais agentes envolvidos, deve ser constantemente buscado e estimulado;
- ♣ A necessidade de construir conhecimentos específicos sobre determinados objetos de intervenção a partir de categorias gerais e de mediações conceituais que permitam apreender o real em suas múltiplas determinações;
- ♣ O entendimento de que o processo pedagógico se dá em níveis diferenciados, considerando os interesses e as experiências diversificadas dos agentes envolvidos;
- ♣ A convicção de que a identificação das contradições sociais é fundamental para qualquer processo de mudança.

Trabalhar a inter-relação da pesquisa com o estágio supervisionado é um avanço em direção a desmistificação da pesquisa e demonstra a importância da produção sistemática do conhecimento, desde o processo de formação profissional.

Optamos por trabalhar desta forma porque entendemos que as disciplinas de estágio e de pesquisa são espaços privilegiados para desencadear mudanças de atitudes dos acadêmicos, frente ao compromisso do Serviço Social com a postura crítica e criativa, voltada para a produção da pesquisa.

A decisão por este tema deu-se em razão do grande número de denúncias e pedidos de informação recebidos pelo **Grupo Especial de Combate ao Trabalho Infantil e Proteção ao Trabalhador Adolescente – DRT/MS** em relação ao trabalho infanto-juvenil em atividades domésticas, pela intenção do grupo de professores em aprofundar os conhecimentos nessa temática e o interesse manifestado pelos técnicos da **SASCT – Secretaria de Estado de Assistência Social, Cidadania e Trabalho**, envolvidos no combate ao trabalho infantil.

Pela “invisibilidade” inerente ao trabalho doméstico infanto-juvenil, buscamos trabalhar nesta pesquisa os problemas a seguir especificados:

- ♣ Quais são as condições de trabalho, de vida e de saúde dos trabalhadores domésticos infanto-juvenil remunerados ou não, que trabalham para terceiros e que estão na faixa etária de até dezoito anos incompletos?
- ♣ Qual é a dimensão e a natureza do trabalho doméstico infanto-juvenil?
- ♣ Quais são os principais determinantes do trabalho doméstico infanto-juvenil?

O objetivo geral da pesquisa foi: - Levantar dados sobre as condições de trabalho, de vida e de saúde de trabalhadores domésticos infanto-juvenis remunerados ou não, realizado para terceiros.

Os objetivos específicos foram: - Analisar a dimensão e a natureza do trabalho doméstico infanto-juvenil em Campo Grande-MS;

- ♣ Especificar os principais determinantes do trabalho doméstico infanto-juvenil;
- ♣ Propiciar aos acadêmicos/estagiários do 4º semestre de Serviço Social 2000/B a oportunidade para completar e aplicar as habilidades e os conhecimentos adquiridos em sala de aula;
- ♣ Sistematizar e analisar os dados levantados visando o registro e o relato dos mesmos.

A presente pesquisa está fundamentada na abordagem histórico-crítico-dialética. Trata-se de uma pesquisa descritiva obtida via levantamento.

O objeto da pesquisa centrou-se na criança e adolescente trabalhador até os dezoito anos incompletos, de ambos os sexos, que exerciam atividades domésticas para terceiros remunerados ou não.

Foram utilizados os recursos metodológicos, a seguir especificados, para o desenvolvimento do processo de investigação: pesquisa bibliográfica; diário de campo, pesquisa de campo, observação participante, entrevista e formulário.

A primeira fase da pesquisa, referente aos estudos exploratórios foi desenvolvida através da pesquisa bibliográfica sobre a temática ora em pauta. Esta pesquisa bibliográfica foi desenvolvida no sentido de propiciar aos estagiários, conhecimentos mais aprofundados a respeito da temática.

O trabalho de campo propiciou o contato direto com o sujeito pesquisado. O universo da pesquisa foi a cidade de Campo Grande-MS, e tomamos por base a divisão da cidade em regiões estabelecidas pela Unidade de Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal, conforme abaixo especificado:

- ♣ Região Urbana do Anhanduizinho:
 - 1 - Vila Cohafama;
 - 2 - Parque do Sol.
- ♣ Região Urbana do Bandeira:
 - 1 - Conjunto Habitacional Flamboyant I e II
 - 2 - Moreninha II.

- ♣ Região Urbana da Lagoa:
 - 1 - Conjunto Habitacional Coophamat;
 - 2 - Bairro Santa Emília.

- ♣ - Região Urbana do Prosa:
 - 1 - Jardim Marabá;
 - 2 - Bairro Cidade Jardim.

- ♣ - Região Urbana do Segredo:
 - 1 - Bairro Zé Pereira;
 - 2 - Recanto dos Pássaros.

- ♣ - Região Urbana do Imbirussu:
 - 1- Conjunto Habitacional Estrela do Sul;
 - 2 - Vila Marli.

Foram propostos dois bairros por região perfazendo um total de doze bairros a serem pesquisados. Como os acadêmicos/estagiários encontraram dificuldades em localizar os sujeitos da pesquisa, efetuamos uma redefinição do universo pesquisado, ampliando para 29 bairros conforme abaixo especificado:

Santa Emília, São Conrado, Conjunto Buriti, Jardim Tijuca, Bom Jardim, Cidade Jardim, Tiradentes, Jardim Noroeste, Jardim Panorama, moreninha I, II, III, Cidade Morena, Flamboyant, Desbarrancado, Conjunto Dalva de Oliveira, Jardim Vitória, Caiçara, Coophamat, Tarumã, Jardim Leblon, Jardim Pênfigo, Aero Rancho setor 7, Parque do Sol, Dom Antônio Barbosa, Lageado, Jardim Centenário, Jardim Marabá, Vila Carolina, Vila Catarina, Vila Margarida.

Os dados levantados no trabalho de campo foram obtidos através de 321 entrevistas registradas em formulário (anexo número 02).

O plano de organização, análise e interpretação dos dados foi feito buscando estabelecer uma compreensão dos dados coletados, respondendo as questões formuladas, ampliando o conhecimento sobre o assunto pesquisado e articulando ao contexto cultural da qual faz parte. Esses dados se referiram a: identificação e caracterização, escolaridade, trabalho, saúde, lazer, família, o cotidiano do trabalhador doméstico infante-juvenil.

Esperamos que o conhecimento produzido sobre as condições de trabalho, de vida e de saúde de trabalhadores doméstico infante-juvenis remunerados ou não, realizado para terceiros na cidade de Campo Grande –MS, seja utilizado pelo poder público no sentido de instituir políticas públicas que garantam desenvolvimento de ações que contribuam para a erradicação desse trabalho.

I – IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHADOR DOMÉSTICO INFANTO – JUVENIL

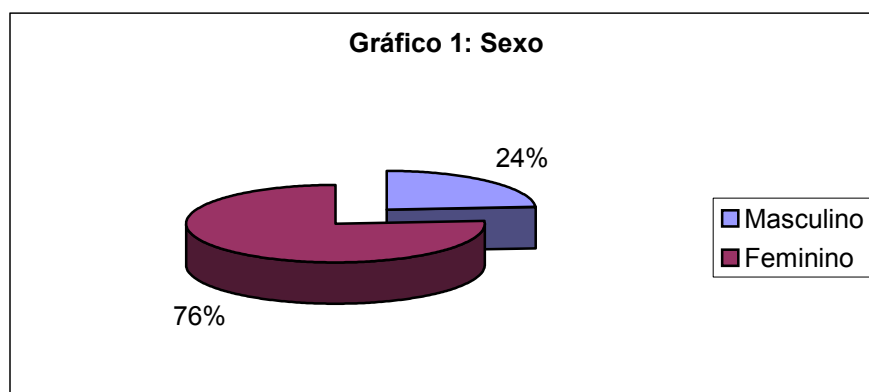
O estudo mostra que o trabalho doméstico infanto-juvenil realizado para terceiros, remunerado ou não, é majoritariamente executado pelo sexo feminino. Dos 321 pesquisados, 244 são do sexo feminino, 76% e apenas 77 do sexo masculino.

Segundo pesquisa publicada no jornal Folha de São Paulo de 22/05/2001, “O Brasil tem 363.512 meninas de 10 a 16 anos trabalhando como empregadas domésticas. O número equivale a 8% dos 4,48 milhões de trabalhadores no setor, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 1998. De cada dez crianças no trabalho doméstico, nove são meninas”. (Cotidiano página C1 Ano 81 Nº 26.347).

A predominância do sexo feminino no trabalho doméstico é uma realidade como demonstram os dados.

Tabela 1: Sexo

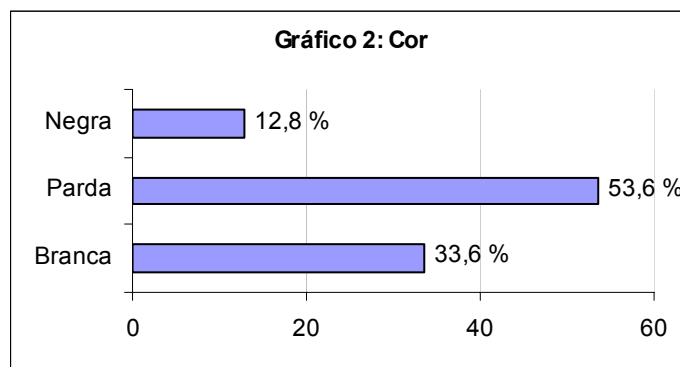
Sexo	Quantidade	%
Masculino	77	24,0
Feminino	244	76,0
TOTAL	321	100,0



Espelhando o universo de um país multirracial o estudo revelou que do universo pesquisado 172 crianças/adolescentes são pardos; 108 são de cor branca e 41 negros.

Tabela 2: Cor

Cor	Quantidade	%
Branca	108	33,6
Parda	172	53,6
Negra	41	12,8
TOTAL	321	100,0



No momento da realização da pesquisa, no que se refere a idade, dos 321 pesquisados, 69 estavam com 15 anos; 60 – 16 anos; 57 – 14 anos; 50 – 13 anos ;42 – 17 anos; 31 – 12 anos; 12 na faixa etária entre 10 e 11 anos.

A legislação brasileira proíbe o trabalho infantil, mas os dados demonstram que as crianças/adolescentes começam a trabalhar a partir dos sete anos.

A Emenda Constitucional número 20, de dezembro de 1998, elevou a idade mínima de admissão ao trabalho regular remunerado de 14 para 16 anos. O trabalho educativo, treinamento que destaca o caráter pedagógico para jovens de 14 a 16 anos, não inclui serviço doméstico remunerado.

Em 2000, o governo brasileiro homologou duas convenções da OIT - Organização Internacional do Trabalho, que definem a idade mínima de admissão e diretrizes contra as piores formas de trabalho infantil. A convenção 138 da OIT define a idade mínima do trabalho infantil: 15 anos ou seja, a idade de conclusão da escolaridade compulsória, podendo ser recuado a 14, dependendo do desenvolvimento sócio econômico do país. E a convenção 182 define medidas imediatas para eliminar as piores formas de trabalho infantil, como a pornografia e a escravidão.

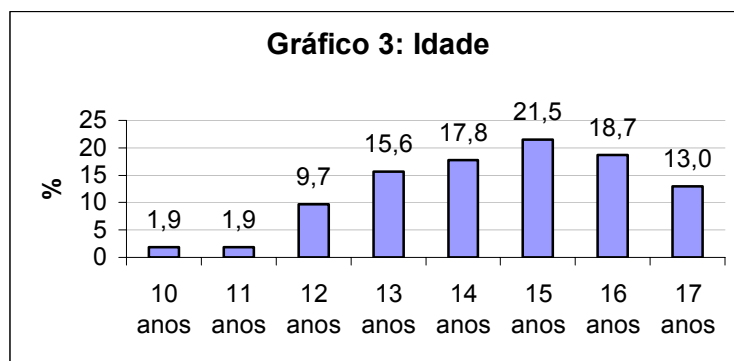
A Lei nº 8069 de 13/07/1990 - Estatuto da Criança e Adolescente – ECA, também prevê que a criança/adolescente seja “protegida no trabalho”.

Crianças e adolescentes brasileiros empregados no serviço doméstico estão na faixa etária entre 10 e 16 anos, sendo que prevalece o trabalho na cidade.

Os dados revelam, ainda, que o emprego doméstico decresce de importância, na medida em que estes se tornam mais velhos. A maior incidência encontra-se na faixa etária de 13 a 16 anos.

Tabela 3: Idade

Idade	Quantidade	%
10 anos	6	1,9
11 anos	6	1,9
12 anos	31	9,7
13 anos	50	15,6
14 anos	57	17,8
15 anos	69	21,5
16 anos	60	18,7
17 anos	42	13,0
TOTAL	321	100,0

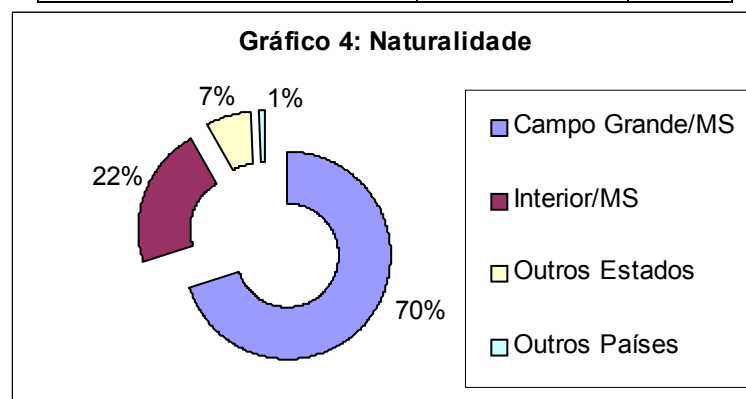


Os dados mostram que 225 dos pesquisados nasceram em Campo Grande; 70 no interior do Estado de Mato Grosso do Sul; 22 em outros Estados da Federação e 4 são de outros países.

Estes dados mostram que estas crianças/adolescentes são, em sua maioria provenientes de famílias pobres de Campo Grande-MS e não migradas de outros Estados na sua maioria.

Tabela 4: Naturalidade

Naturalidade	Quantidade	%
Campo Grande/MS	225	70,1
Interior/MS	70	21,8
Outros Estados	22	6,9
Outros Países	4	1,2
TOTAL	321	100,0



Dos trabalhadores domésticos infanto-juvenis pesquisados, 147 residem com pai e mãe, 103 residem só com a mãe; 45 residem com outros; 15 só com o pai e apenas 11 residem no emprego.

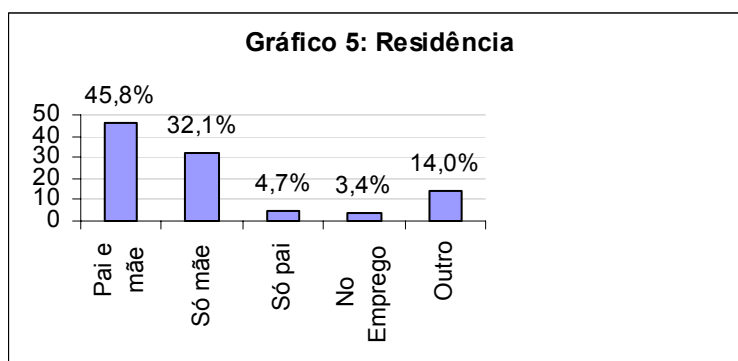
A residência só com a mãe aparece em segundo lugar, considerando maior incidência de famílias chefiadas por mulheres.

Residem no emprego aqueles que vieram do interior do Estado de Mato Grosso do Sul e/ou para facilitar trabalho e estudo, ante a distância do emprego e de sua residência.

Outros residem com mãe e padrasto (6); com o cônjuge (10); com a avó (11); com o irmão (4); com a sogra (4); com tios (2) entre outras formas de organização.

Tabela 5: Residência

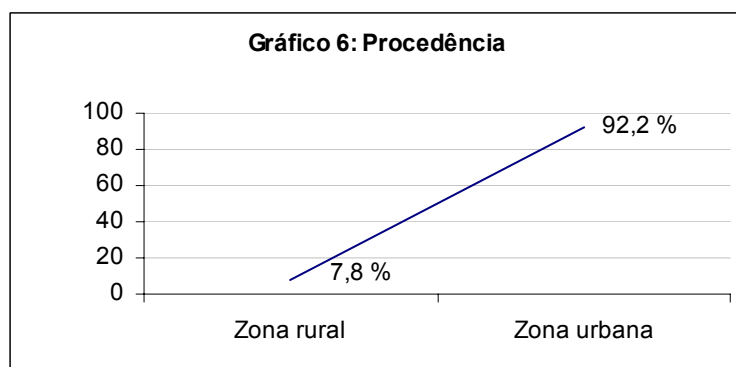
Residência	Quantidade	%
Pai e mãe	147	45,8
Só mãe	103	32,1
Só pai	15	4,7
No Emprego	11	3,4
Outro	45	14,0
TOTAL	321	100,0



Do total de pesquisados, 296 são procedentes da zona urbana e apenas 25 vieram da zona rural. São famílias pobres que residem na periferia urbana da capital do Estado de Mato Grosso do Sul e encontram-se no trabalho doméstico para garantir a sobrevivência a seus filhos ante a falta de políticas sociais claras e concretas que possam atender os direitos sociais mínimos necessários.

Tabela 6: Procedência

Procedência	Quantidade	%
Zona rural	25	7,8
Zona urbana	296	92,2
TOTAL	321	100,0



II – IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLARIDADE DO TRABALHADOR DOMÉSTICO INFANTO-JUVENIL

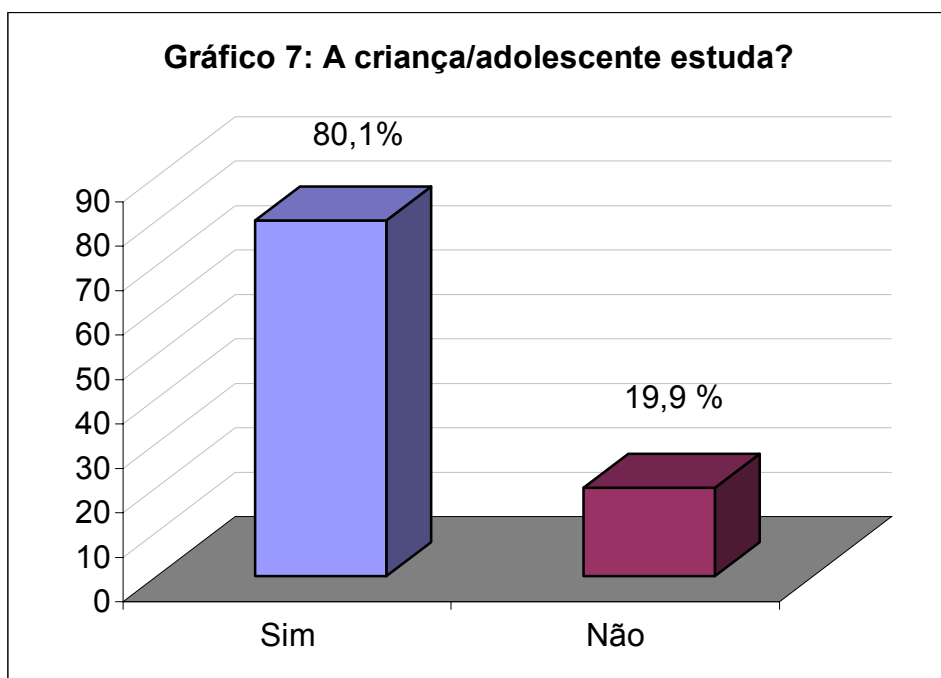
Os dados revelaram que dos 321 pesquisados, 257 estão estudando e 64 não.

A política de combate e erradicação do trabalho infantil estabelece que a educação é a centralidade da mesma e objetiva o ingresso, o reingresso, a permanência e o sucesso de todas as crianças e adolescentes na escola.

São 19,9% os que não estão estudando, demonstrando a necessidade de maiores investimentos na área da educação.

Tabela 7: A criança/adolescente estuda?

Estuda	Quantidade	%
Sim	257	80,1
Não	64	19,9
TOTAL	321	100,0

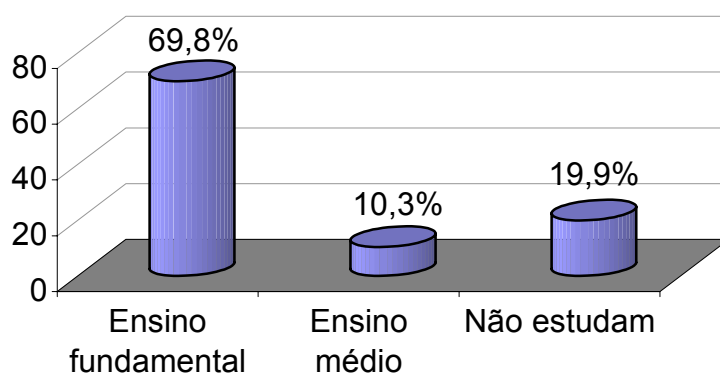


Do total de pesquisados que estudam, 224 freqüentam o ensino fundamental e 33 o ensino médio.

Tabela 8: Grau de escolaridade

Grau de escolaridade	Quantidade	%
Ensino fundamental	224	69,8
Ensino médio	33	10,3
Não estudam	64	19,9
TOTAL	321	100,0

Gráfico 8: Grau de escolaridade

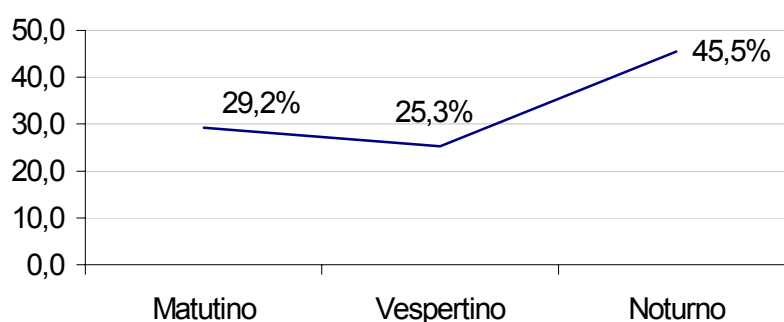


Esses trabalhadores estudam, na sua maioria, no período noturno, 75 no matutino e 65 no vespertino.

Tabela 9: Período de estudo

Período	Quantidade	%
Matutino	75	29,2
Vespertino	65	25,3
Noturno	117	45,5
TOTAL	257	100,0

Gráfico 9: Período de estudo



Os pesquisados alegaram no total de 191, que o trabalho não atrapalha seus estudos, enquanto que 66 afirmaram que costuma atrapalhar. Dos que afirmaram que o trabalho atrapalha seus estudos, os motivos estão centrados no cansaço (48); falta de tempo (39); sono (28); preguiça (3); dores no corpo (2); criança que atrapalha/não deixa (2).

Tabela 10: O trabalho atrapalha o estudo?

Trabalho atrapalha estudo	Quantidade	%
Não	191	74,3
Sim	66	25,7
TOTAL	257	100,0

Gráfico 10: O trabalho atrapalha o estudo?

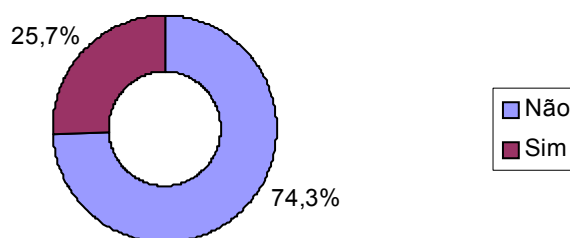
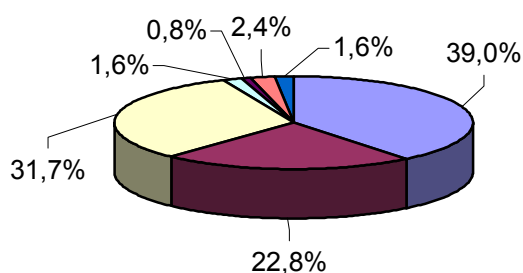


Tabela 11: Por quais motivos

Motivos	Quantidade	%
Cansaço	48	39,0
Sono	28	22,8
Falta de tempo	39	31,7
Criança não deixa	2	1,6
Falta aula	1	0,8
Preguiça	3	2,4
Dores no corpo	2	1,6
TOTAL	123	100,0

Gráfico 11: Por quais motivos



Quanto a questão da reprovação escolar, há um número significativo de reprovações (216) enquanto que apenas 105 não reprovaram nenhuma vez.

As reprovações ocorreram mais de uma vez, e nas mesmas séries, sendo 53 na 1ª série do ensino fundamental; 52 na 2ª série do ensino fundamental; 46 na 5ª série do ensino

fundamental; 41 na 3ª série do ensino fundamental; 40 na 4ª série do ensino fundamental, entre outras menos significativas.

Estes dados indicam que as crianças que reprovaram no ensino fundamental estão com defasagem série/idade. Este atraso ou defasagem em decorrência da repetência, tem relação direta com o fato de estas crianças/adolescentes iniciarem a sua vida laborativa muito cedo, sobretudo pelo cansaço que este tipo de trabalho provoca.

Tabela 12: Já reprovou alguma vez?

Reprovou	Quantidade	%
Não	105	32,7
Sim	216	67,3
TOTAL	321	100,0

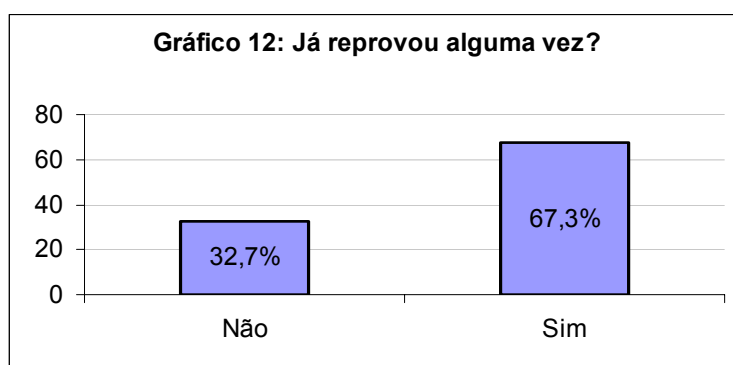
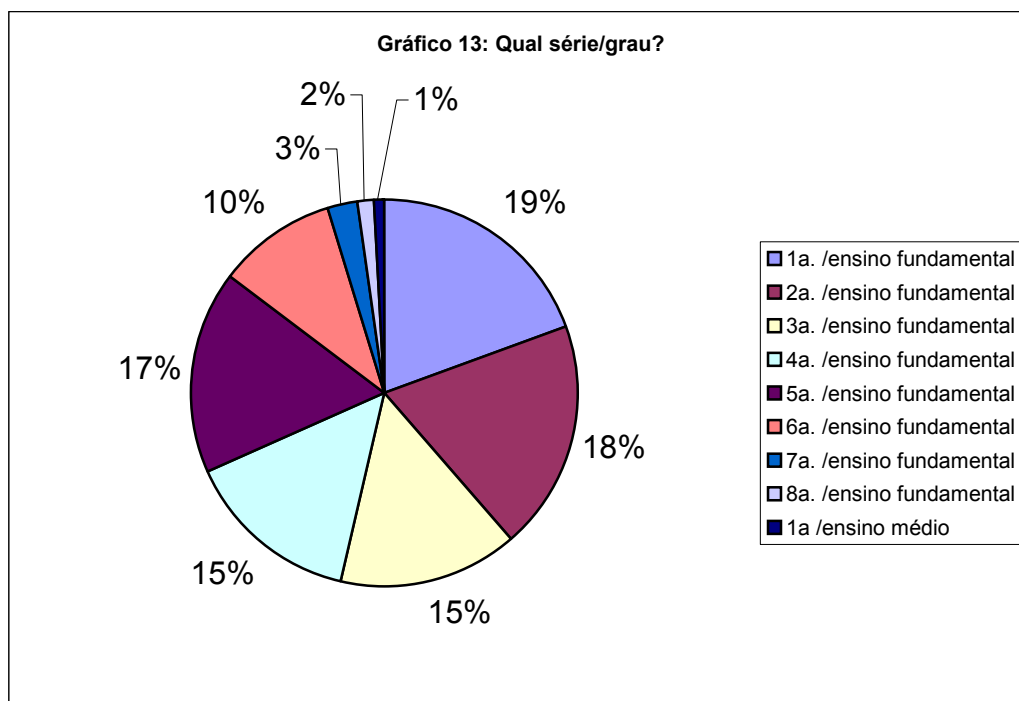


Tabela 13: Qual série/grau?

Série/grau	Quantidade	%
1ª. /ensino fundamental	53	19,5
2ª. /ensino fundamental	52	19,1
3ª. /ensino fundamental	41	15,1
4ª. /ensino fundamental	40	14,7
5ª. /ensino fundamental	46	16,9
6ª. /ensino fundamental	27	9,9
7ª. /ensino fundamental	7	2,6
8ª. /ensino fundamental	4	1,5
1ª /ensino médio	2	0,7
TOTAL	272	100,0

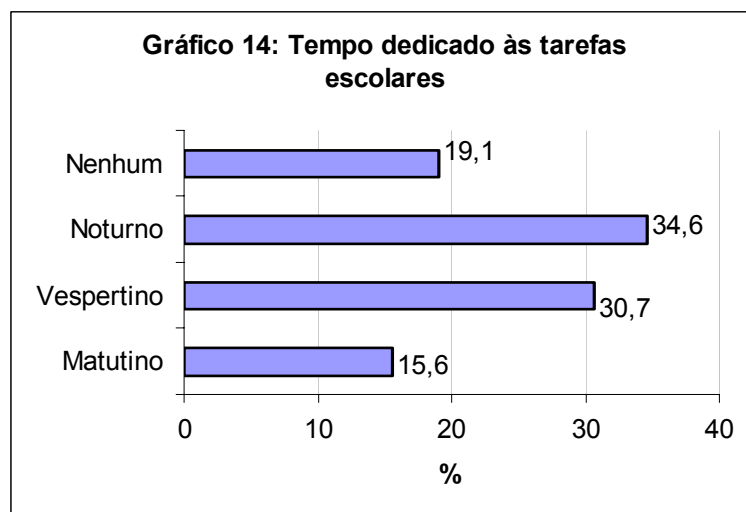


Os pesquisados afirmaram que se dedicam às tarefas escolares no período noturno (89); no período vespertino (79); no período matutino (40), sendo que 49 não o fazem em período nenhum.

Nota-se pelas respostas que o tempo utilizado para as tarefas escolares é muito pouco e, em alguns casos, inexistente. As falas demonstram que os adolescentes não dão muito valor às tarefas solicitadas pelos professores.

Tabela 14: Tempo dedicado às tarefas escolares

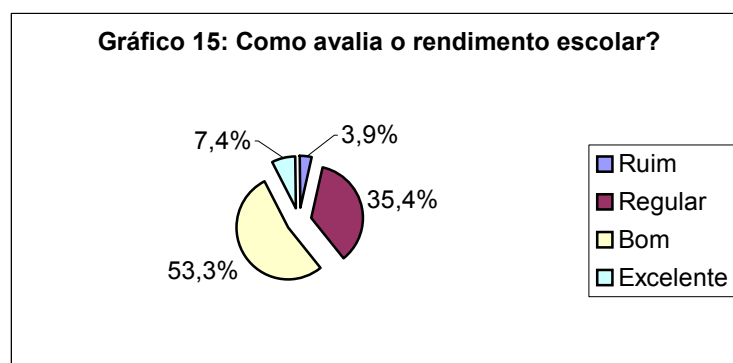
Período	Quantidade	%
Matutino	40	15,6
Vespertino	79	30,7
Noturno	89	34,6
Nenhum	49	19,1
TOTAL	257	100,0



Os pesquisados avaliaram o seu desempenho escolar da seguinte forma: bom (137); regular (91); excelente (19); ruim (10).

Tabela 15: Como avalia o rendimento escolar?

Rendimento escolar	Quantidade	%
Ruim	10	3,9
Regular	91	35,4
Bom	137	53,3
Excelente	19	7,4
TOTAL	257	100,0



III - O MUNDO DO TRABALHO DO TRABALHADOR INFANTO-JUVENIL

"O trabalho é um momento da vida e da experiência humana... É um elemento da história" (SILVA, 1992: 51).

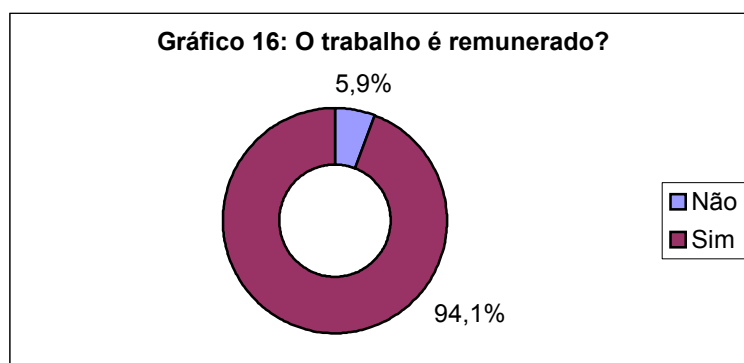
O mundo do trabalho vem sendo marcado por fatos, dicotomias, contradições e consequências que muitas vezes ferem direitos, e se constituem em elementos de exploração e/ou exclusão.

Sabemos que uma das graves consequências da globalização, diz respeito à questão do trabalho. Temos visto a cada dia crescer a fila dos desempregados, como também o aumento de trabalhadores subempregados. Pesquisas têm mostrado que o trabalho assalariado está sendo desvalorizado. Em Campo Grande /MS esta situação não está diferenciada.

Verificamos que, frente a esta realidade, uma das alternativas que as famílias estão utilizando para aumentar a renda e manter a sobrevivência familiar, tem sido o trabalho infanto-juvenil. Este é de difícil visibilidade, porém a pesquisa nos mostrou, conforme a tabela abaixo, que é grande o número de crianças/adolescentes que se encontram empregados. Dos 321 pesquisados 19 não são remunerados, e 302 recebem remuneração pela atividade que desempenham.

Tabela 16: O trabalho é remunerado?

Remuneração	Quantidade	%
Não	19	5,9
Sim	302	94,1
TOTAL	321	100,0



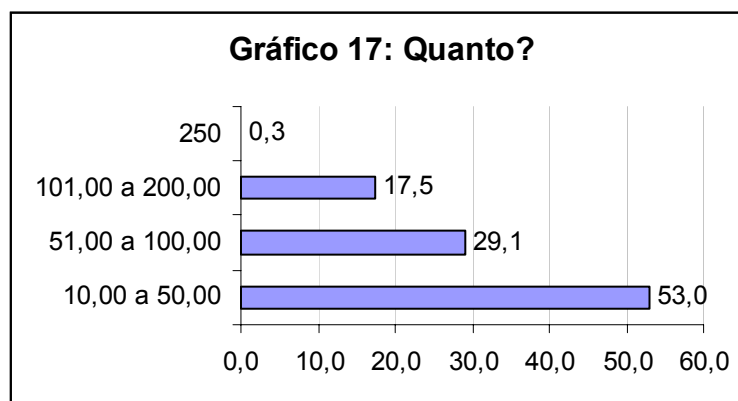
Estes dados nos levam a destacar a reflexão feita por Heilborn, quando nos diz que:

"o trabalho enquanto atividade remunerada e aprendizado de um ofício se revestem de um sentido de aquisição de uma identidade social legítima para os jovens e suas famílias. Ignorar o modo como tais grupos sociais organizam sua vida familiar e pensam sobre o tema da inserção profissional precoce e qual a articulação com a permanência na escola é incidir num desconhecimento sobre os valores que norteiam essa visão de mundo e que estão na fase das escolhas que realizam em suas vidas" (HEILBORN, 2000: 9).

O estudo nos apontou ainda que a remuneração recebida por estas crianças/adolescentes é variável, chegando em alguns casos a valores ínfimos, como podemos visualizar pelos dados abaixo especificados. A maioria, correspondente a 53% ganha de R\$ 10,00 a R\$ 50,00 reais, outros 29% recebem de R\$ 51,00 a R\$ 100,00 reais, e apenas 17,5% estão na faixa de R\$ 101,00 a R\$ 200,00 reais.

Tabela 17: Quanto?

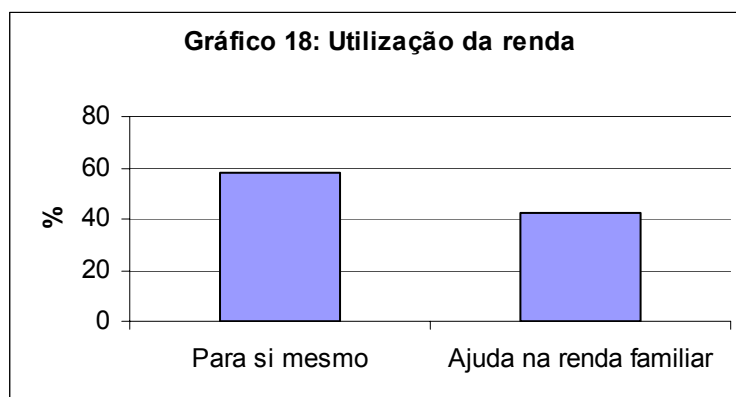
Valores R\$	Quantidade	%
10,00 a 50,00	160	53,0
51,00 a 100,00	88	29,1
101,00 a 200,00	53	17,5
250,00	1	0,3
TOTAL	302	100,0



A partir desses resultados, concluímos que o trabalho doméstico infanto-juvenil oferece remunerações inferiores ao salário mínimo estipulado pela legislação vigente. Concluímos também que o trabalho infanto-juvenil é um fenômeno social complexo e determinado economicamente. Revela um caráter discriminatório, uma vez que a sua maior concentração está entre grupos de famílias com baixa renda. A tabela a seguir nos mostra que 42% destas crianças trabalham para ajudar na renda familiar, e 57,9% utilizam esta renda para si mesmo.

Tabela 18: Utilização da renda

Utilização da renda	Quantidade	%
Para si mesmo	201	57,9
Ajuda na renda familiar	146	42,1
TOTAL	347	100,0

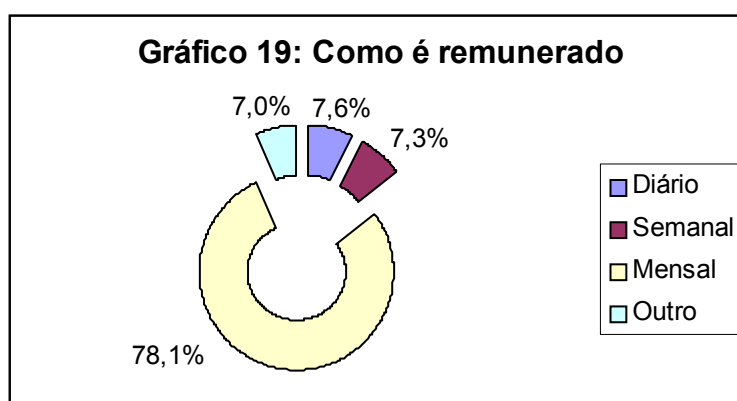


Ao tomarmos o salário mínimo como parâmetro de análise, temos uma percepção da insuficiência de renda na qual vivem estas crianças/adolescentes. Isto é, o atendimento às necessidades básicas, encontra-se abaixo de um patamar mínimo. Desta forma, podemos afirmar que a opção pelo trabalho doméstico na infância está ligado à precariedade das condições de vida, pelos quais encontram-se estes sujeitos pesquisados.

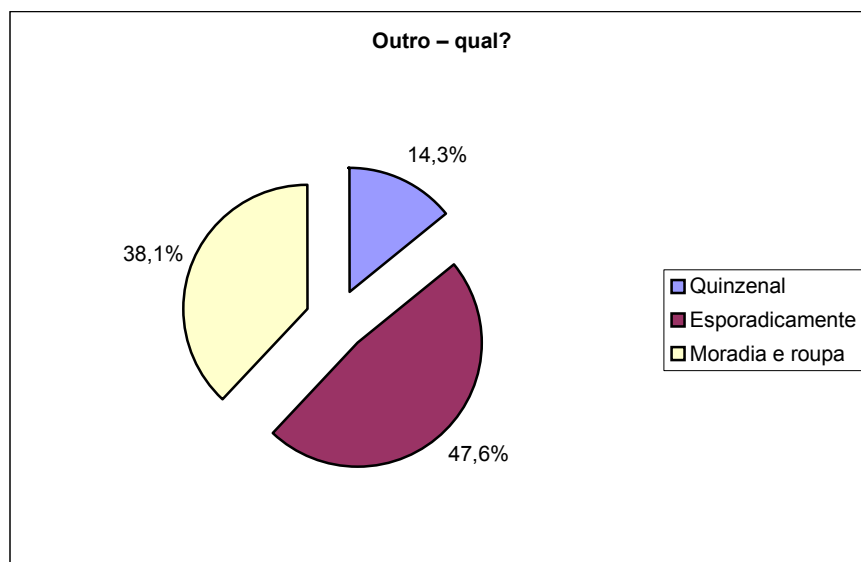
A principal forma de remuneração é a mensal, com 78,1% e os demais são remunerados com pagamentos diários, semanais, quinzenais, esporadicamente e até com moradias, roupas e alimentação, conforme a tabela 19.

Tabela 19: Como é remunerado

Remuneração	Quantidade	%
Diário	23	7,6
Semanal	22	7,3
Mensal	236	78,1
Outro	21	7,0
TOTAL	302	100,0



Outro – qual?	Quantidade	%
Quinzenal	3	14,3
Esporadicamente	10	47,6
Moradia e roupa	8	38,1
TOTAL	21	100,0



Verificamos que devido a idade e também pela vulnerabilidade dessas crianças/adolescentes, eles dependem totalmente da boa vontade e da honradez de seus patrões com relação à forma e valor com que são remunerados.

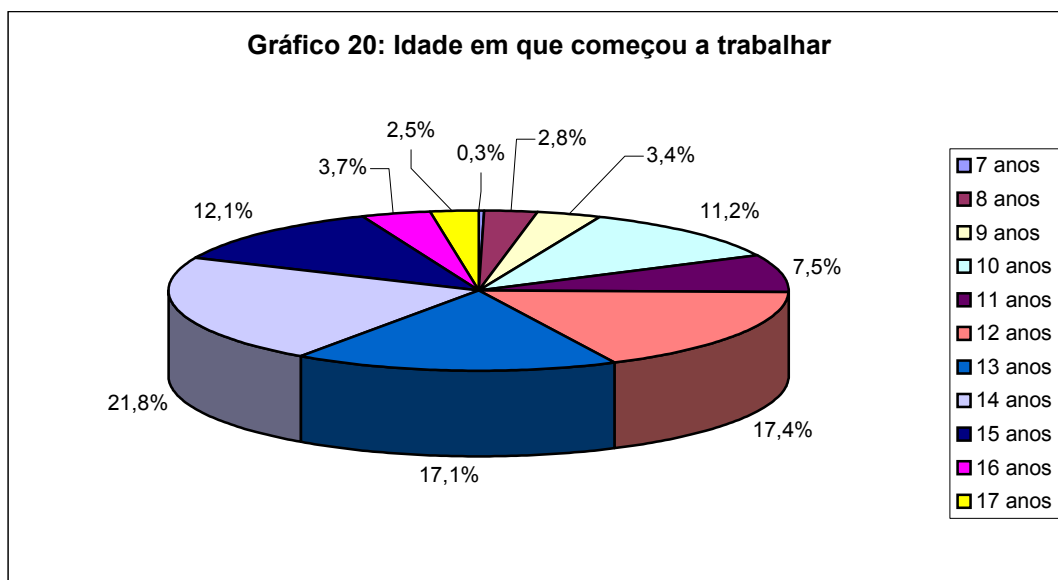
Dos pesquisados, 8(oito) nos revelaram que trabalham em troca da moradia, roupa e alimentação, reforçando mais uma vez que algumas famílias entregam seus filhos a outras famílias, em troca de cuidados e sobrevivência. Estes são considerados pelos patrões como integrantes da família, no entanto, nada mais são do que crianças/adolescentes explorados, desenvolvendo trabalhos sem determinação de dias, horários e tempo livre.

O trabalho doméstico é uma das formas de exploração infantil. Porém é difícil avaliar a sua real extensão, uma vez que é um tipo de trabalho que não aparece.

Através da pesquisa ora registrada, detectamos que a maioria dos entrevistados começou a trabalhar quando ainda estavam com idade entre 12 e 15 anos. Foi encontrada também uma criança que iniciou aos 7 anos e outras oitenta estavam na faixa etária dos 8 aos 11 anos.

Tabela 20: Idade em que começou a trabalhar

Idade	Quantidade	%
7 anos	1	0,3
8 anos	9	2,8
9 anos	11	3,4
10 anos	36	11,2
11 anos	24	7,5
12 anos	56	17,4
13 anos	55	17,1
14 anos	70	21,8
15 anos	39	12,1
16 anos	12	3,7
17 anos	8	2,5
TOTAL	321	100,0



O ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, fixou que "é proibido qualquer trabalho a menores de 14 anos de idade, salvo, a partir dos 12 anos, na condição de aprendiz, considerado aprendizagem a formação técnico-profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor".

De acordo com o Estatuto, até os 12 anos de idade a criança deve ser protegida do trabalho, com programas direcionados para sua inserção e permanência no ensino fundamental. Entre 12 e 14 anos, deve-se objetivar a conciliação, quando necessária, entre o estudo e o trabalho, por meio da participação destes em programas com bases educativas. Dos 14 aos 18 anos, os programas devem ser de capacitação profissional, tendo em vista a proteção desses adolescentes no ambiente e nas relações de trabalho.

O estatuto foi modificado quanto a idade,

"mais recentemente, a emenda constitucional 20, aprovada a partir de 16/12/98, eleva para 16 anos a idade mínima de admissão ao trabalho. Esta medida reforça a legislação do ECA ao permitir para faixa etária entre 14 e 16 anos o trabalho somente com um acompanhamento de ensino-aprendizagem"(SABÓIA, 2000:8).

Desta forma, observamos que dos 321 pesquisados apenas 102 adolescentes estão com idade para admissão ao trabalho. Os outros 219 estão em desacordo com a legislação vigente.

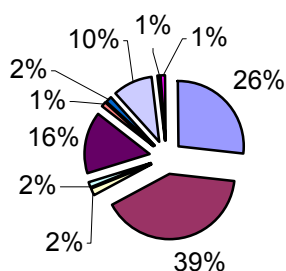
Quando questionados sobre os motivos pelos quais começaram a trabalhar, elencaram como principais razões: ajudar no orçamento familiar (40,1%); comprar coisas para si (26,9%) e por que queriam trabalhar (15,6%).

Os demais 17,4% colocaram vários outros motivos, tais como: ter independência, ajudar parentes, incentivo da família, já trabalhava desde pequeno, os pais ficaram doentes e porque estavam passando fome.

Tabela 21: Motivo pelo qual começou a trabalhar

Motivo	Quantidade	%
Comprar coisas para si	88	26,9
Ajudar orçamento familiar	131	40,1
Já trabalhava desde pequeno	5	1,5
Incentivo de casa	5	1,5
Por que queria trabalhar	51	15,6
Ficar fora de casa	3	0,9
Ajudar parentes	6	1,8
Ter independência	32	9,8
Estava passando fome	2	0,6
Pais doentes	4	1,2
TOTAL	327	100,0

Gráfico 21: Motivo pelo qual começou a trabalhar



Com base neste resultado, consideramos que o ambiente familiar tem grande influência quanto aos motivos que levam as crianças/adolescentes, a se inserirem no mercado de trabalho. Percebemos que, quanto mais baixa for a renda familiar, maior é o número da população jovem que trabalha para ajudar no orçamento doméstico. Verificamos também que o ser humano expressa suas necessidades tanto materiais quanto de realização pessoal, desde a infância, e o trabalho doméstico infanto-juvenil têm sido uma das alternativas apresentadas para satisfação dessas necessidades.

O argumento mais citado foi a necessidade de trabalhar para ajudar em casa com as despesas, porém outras motivações foram apresentadas, revelando a possibilidade de autonomia e independência, fugindo do controle familiar.

Em relação ao tipo de atividade desempenhada quando começou a trabalhar e a que executa atualmente, percebemos que estas atividades permanecem nos mesmos tipos, sendo as principais a de babá e as relacionadas a serviços domésticos como faxineira, empregada

doméstica e cozinheira, para o sexo feminino. Para o sexo masculino, as atividades com maior incidência são na área de jardinagem e serviços gerais como: venda de picolés, mecânica, lavador de carro, servente, entre outros especificados nas tabelas 22 e 23.

Tabela 22: Tipo de atividade quando começou a trabalhar

Atividade	Quantidade	%
Babá	165	51,4
Serviços gerais	22	6,9
Venda de picolés	6	1,9
Mirim	1	0,3
Doméstica	59	18,4
Faxineira	25	7,8
Jardinagem	28	8,7
Roça	1	0,3
Jornaleiro	1	0,3
Mecânica	5	1,6
Pintor	1	0,3
Bordadeira	1	0,3
Lavador de Carro	2	0,6
Servente	2	0,6
Horta	1	0,3
Catador de latas	1	0,3
TOTAL	321	100,0

Gráfico 22: Tipo de atividade quando começou a trabalhar

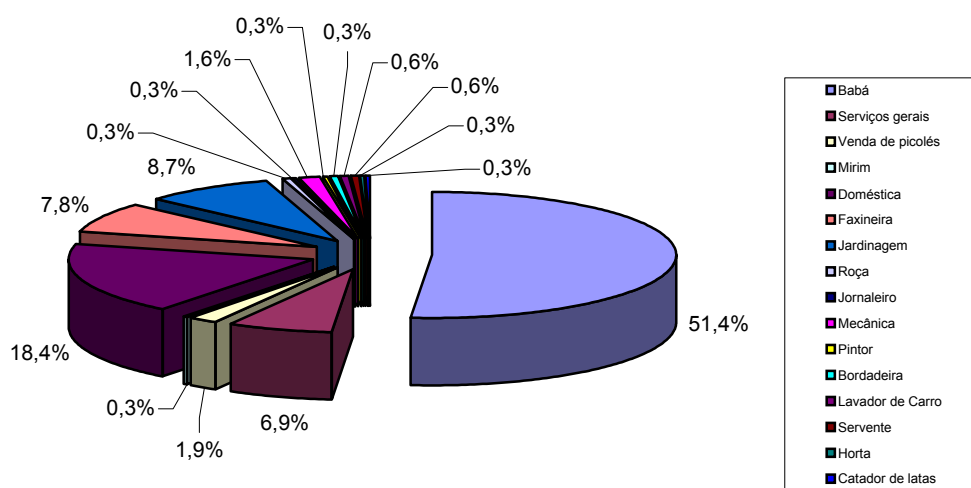
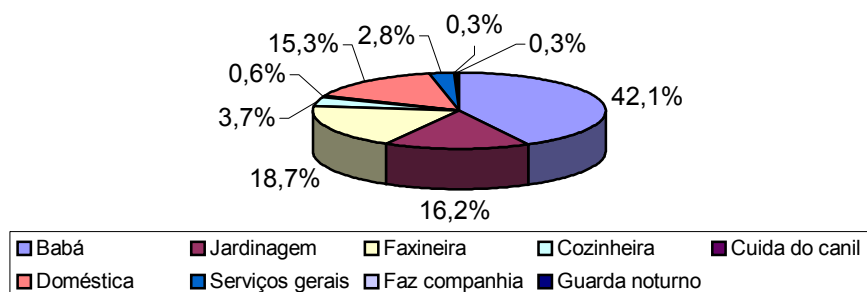


Tabela 23: Tipo de trabalho que executa

Tipo de trabalho	Quantidade	%
Babá	135	42,1
Jardinagem	52	16,2
Faxineira	60	18,7
Cozinheira	12	3,7
Cuida do canil	2	0,6
Doméstica	49	15,3
Serviços gerais	9	2,8
Faz companhia	1	0,3
Guarda noturno	1	0,3
TOTAL	321	100,0

Gráfico 23: Tipo de trabalho que executa

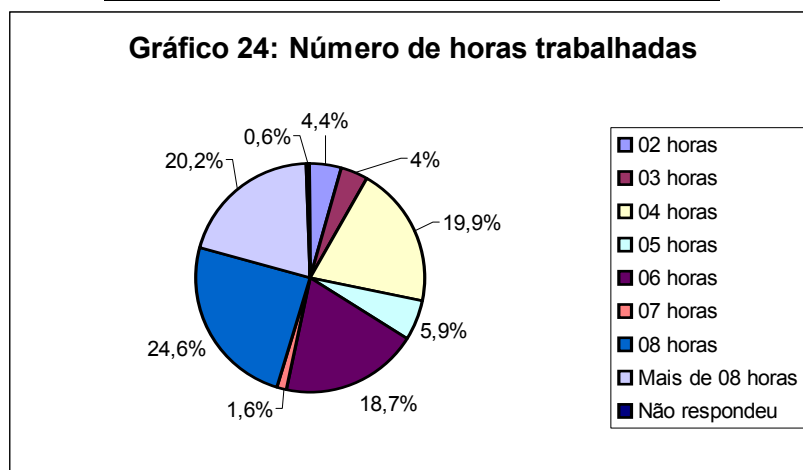
Esses dados nos mostram que o trabalho doméstico infanto-juvenil contribui menos para a experiência do trabalhador, pelo fato de ocorrer fora do sistema sócio-econômico, ou seja, realizado normalmente em residências e com menores oportunidades para socialização. É também um tipo de atividade que muitas vezes não está ao alcance das possibilidades físicas e mentais dos trabalhadores. E que em algumas circunstâncias permite abusos como baixa remuneração e longas jornadas de trabalho.

Com relação ao número de horas trabalhadas, constatamos que 24,6% trabalham 08 horas diárias: 20,2% executam atividades por mais de 08 horas: 19,9% desenvolvem o trabalho durante 04 horas e 18,7% desempenham atividades numa jornada de 06 horas diárias. Existe ainda 5,9% dos pesquisados que trabalham 05 horas e 8,4% tem ocupação por um período de 02 a 03 horas por dia, conforme os dados da tabela abaixo.

Tabela 24: Número de horas trabalhadas

Horas	Quantidade	%
02 horas	14	4,4
03 horas	13	4,0
04 horas	64	19,9
05 horas	19	5,9
06 horas	60	18,7

07 horas	5	1,6
08 horas	79	24,6
Mais de 08 horas	65	20,2
Não respondeu	2	0,6
TOTAL	321	100,0



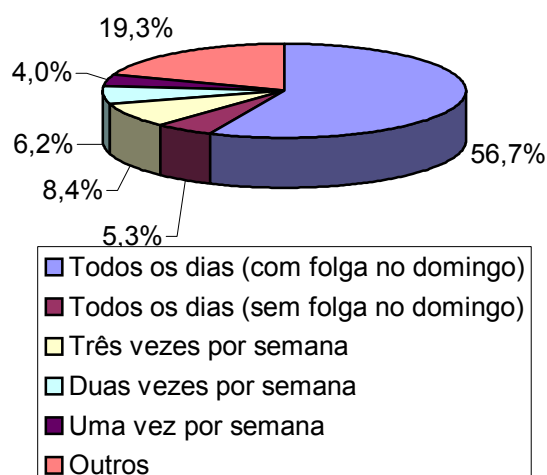
Verifica-se por meio destes dados, que a quantidade de horas trabalhadas é composta por uma extensa jornada, onde mais de 60% dos entrevistados trabalham acima de 05 horas por dia, fato este que traz consequências danosas às crianças e adolescentes, principalmente em relação ao estudo e à saúde.

De acordo com a tabela 25, a frequência no trabalho se dá todos os dias, com folga aos domingos, para 56,7% dos pesquisados. Existe ainda aqueles que vão trabalhar três vezes por semana, representando 8,4%, os que desenvolvem as atividades duas vezes por semana, com 6,2% e com apenas um dia foram encontrados 4,0% de trabalhadores. Os dados nos revelaram também que existe 5,3% que trabalham todos os dias, sem folga aos domingos.

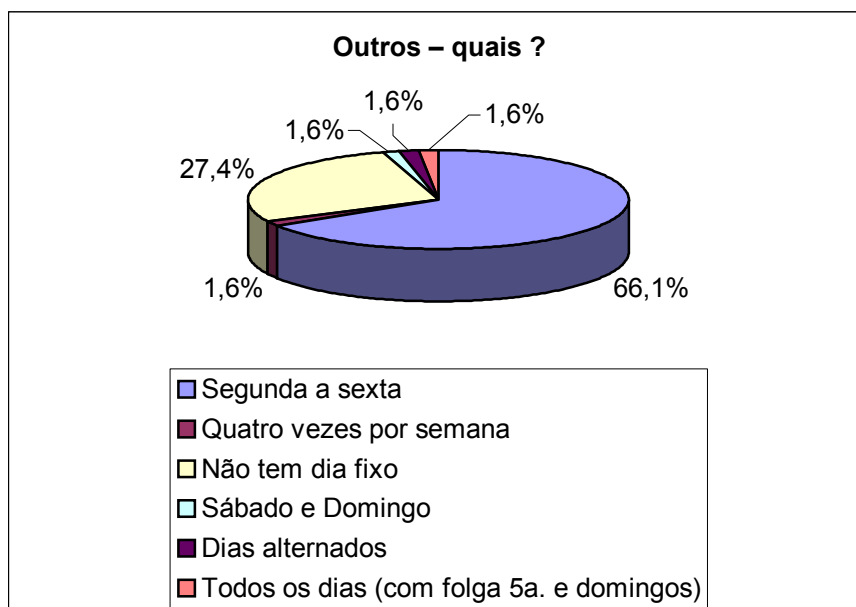
Tabela 25: Frequência no trabalho

Frequência	Quantidade	%
Todos os dias (com folga no domingo)	182	56,7
Todos os dias (sem folga no domingo)	17	5,3
Três vezes por semana	27	8,4
Duas vezes por semana	20	6,2
Uma vez por semana	13	4,0
Outros	62	19,3
TOTAL	321	100,0

Gráfico 25: Frequência no trabalho



Outros – quais?	Quantidade	%
Segunda a sexta	41	66,1
Quatro vezes por semana	1	1,6
Não tem dia fixo	17	27,4
Sábado e Domingo	1	1,6
Dias alternados	1	1,6
Todos os dias (com folga 5ª. e domingos)	1	1,6
TOTAL	62	100,0



No que se refere à frequência ao trabalho percebe-se que mais de 50% tem jornada igual a dos adultos, sendo todos os dias, com direito a uma folga semanal. Porém, uma parcela representada por 5,3% são os mais explorados, uma vez que trabalham todos os dias da semana,

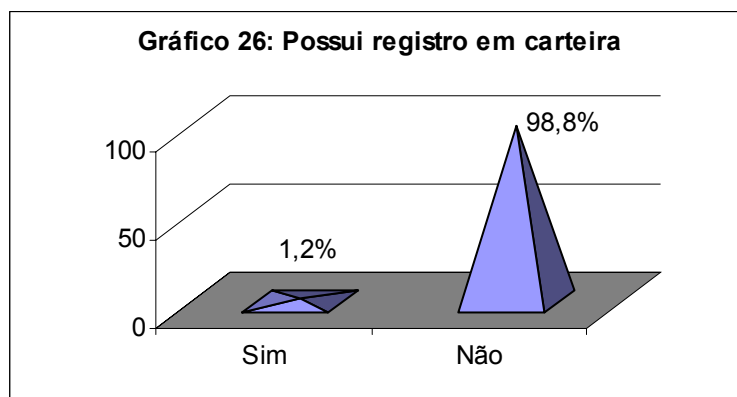
sem direito a folga nos domingos. Estes são principalmente aqueles que residem no emprego. Verifica-se ainda que 17 crianças/adolescentes não tem dia fixo para trabalharem, dependem de aparecer serviço. São os que desempenham atividades do tipo: limpeza de terrenos, jardinagem e serviços gerais.

Conforme a legislação, as crianças/adolescentes com menos de 16 anos não deveriam estar trabalhando, não podendo, portanto, possuir a carteira de trabalho assinada pelo empregador.

Assim sendo, verificamos através dos dados na tabela 26 que 98,8% não possuem registro em carteira e somente 1,2% encontram-se registradas.

Tabela 26: Possui registro em carteira

Registro	Quantidade	%
Sim	4	1,2
Não	317	98,8
TOTAL	321	100,0

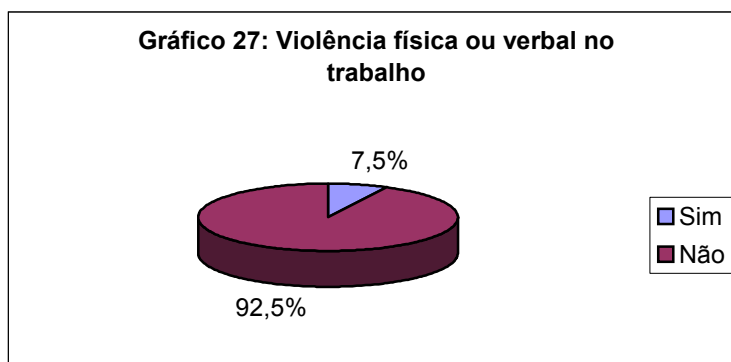


Com relação a este aspecto percebemos que só possuem registro em carteira aqueles que estão com idade legal para o trabalho. Entretanto, a posse da carteira assinada ainda é irrisória, uma vez que foram entrevistados 102 adolescentes com idade para o trabalho, e no entanto, apenas 04 estavam registrados.

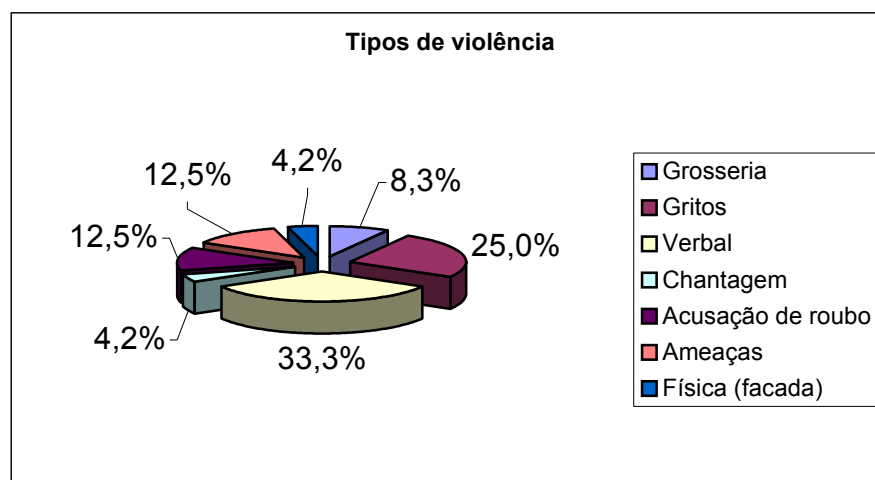
Uma outra situação analisada foi quanto a questão da violência no trabalho. Dos pesquisados, 92,5% falaram que nunca sofreram violência física ou verbal. Porém 7,5%, responderam que já vivenciaram situações de violência. Destes, 23 disseram que foi de forma verbal e um violentado fisicamente.

Tabela 27: Violência física ou verbal no trabalho

Violência	Quantidade	%
Sim	24	7,5
Não	297	92,5
TOTAL	321	100,0



Tipos de violência	Quantidade	%
Grosseria	2	8,3
Gritos	6	25,0
Verbal	8	33,3
Chantagem	1	4,2
Acusação de roubo	3	12,5
Ameaças	3	12,5
Física (facada)	1	4,2
TOTAL	24	100,0



Os dados nos mostram que, a violência é expressada por vários tipos, como: gritos, grosseria, chantagem, acusações, ameaças e/ou também de forma física. A natureza do trabalho doméstico propicia situações de invisibilidade, permitindo abusos e falta de proteção aos trabalhadores infantis. Estes são mais facilmente dominados. Sabemos que as crianças/adolescentes que passam por estas situações de violência, tem um impacto profundo sobre o seu desenvolvimento psicológico.

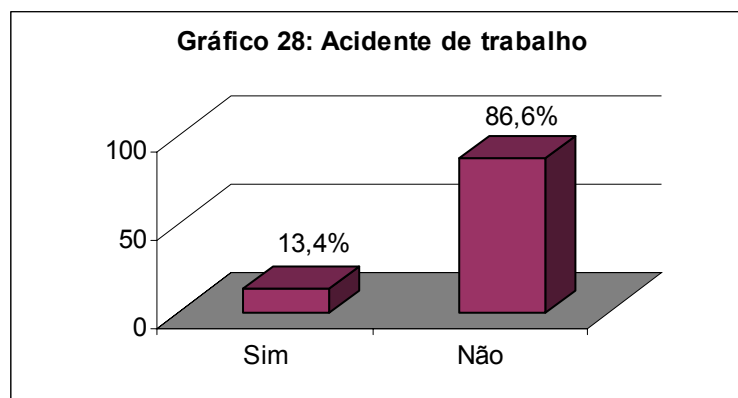
IV - A SAÚDE E O TRABALHO DOMÉSTICO INFANTO JUVENIL

As crianças e adolescentes pesquisadas que realizam trabalho doméstico, estão quase sempre em situação de risco. "... de todas as crianças trabalhadoras, aquelas que se encontram no serviço doméstico são as mais vulneráveis, além de serem as mais difíceis de proteger".(SABÓIA, 2000:23)

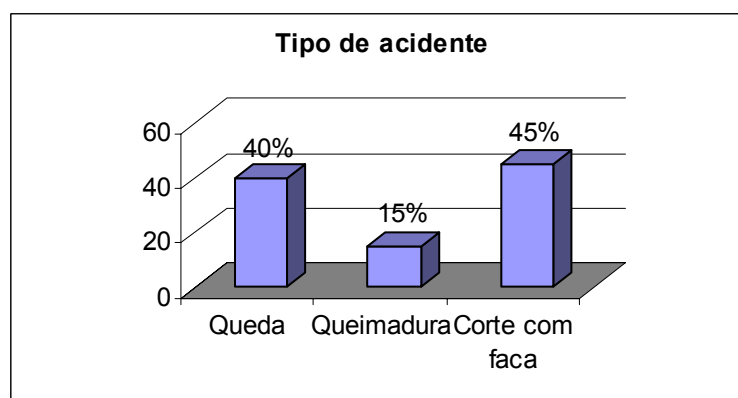
Quanto aos acidentes de trabalho, constata-se que 13,4% das crianças e adolescentes já sofreram algum tipo de acidente e os mais comuns, em ordem de prioridade são: corte com faca, queda e queimaduras.

Tabela 28: Acidente de trabalho

Acidente	Quantidade	%
Sim	43	13,4
Não	278	86,6
TOTAL	321	100,0



Tipo de acidente	Quantidade	%
Queda	16	40,0
Queimadura	6	15,0
Corte com faca	18	45,0
TOTAL	40	100,0



A atividade doméstica de cozinhar implica em riscos para a integridade física de crianças e adolescentes, principalmente porque requer habilidades que, a princípio, eles não tem. No entanto, apesar da pouca idade, eles tem que se capacitar para ajudar os adultos nesta tarefa.

Quanto ao fato de ficarem doentes, a pesquisa nos mostra que 67,3% das crianças e adolescentes que estão no trabalho doméstico declararam que não costumam adoecer. Quando questionados sobre as doenças que já tiveram destacaram, por ordem de maior ocorrência: doenças da infância, bronquites, pneumonias, sinusites, doenças cardíacas, epilepsia, alergias, gastrite, asma, anemia, hepatite e outros.

Tabela 29: Costuma ficar doente

Fica doente	Quantidade	%
Sim	105	32,7
Não	216	67,3
TOTAL	321	100,0

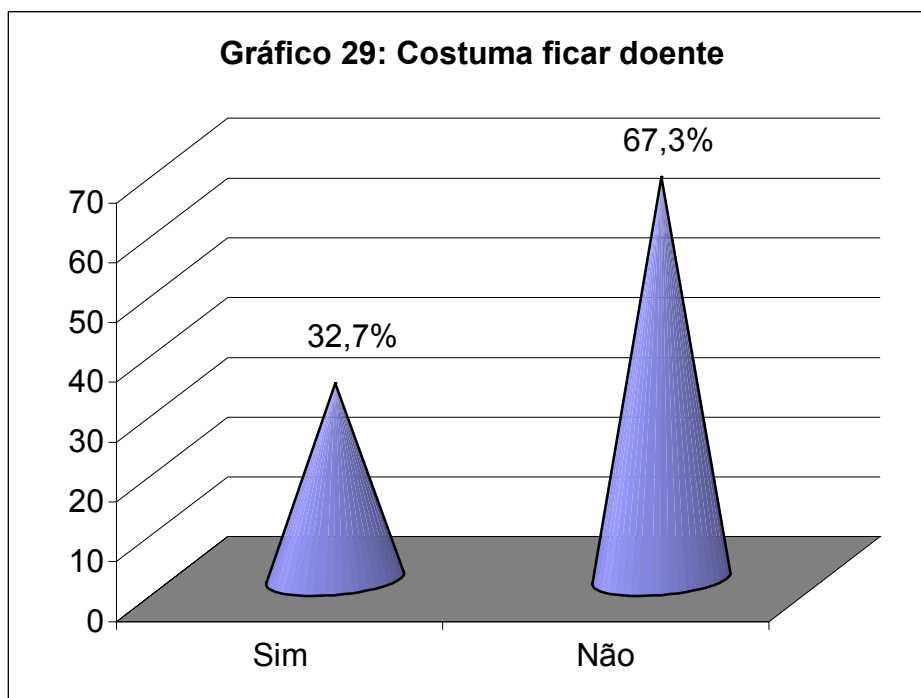
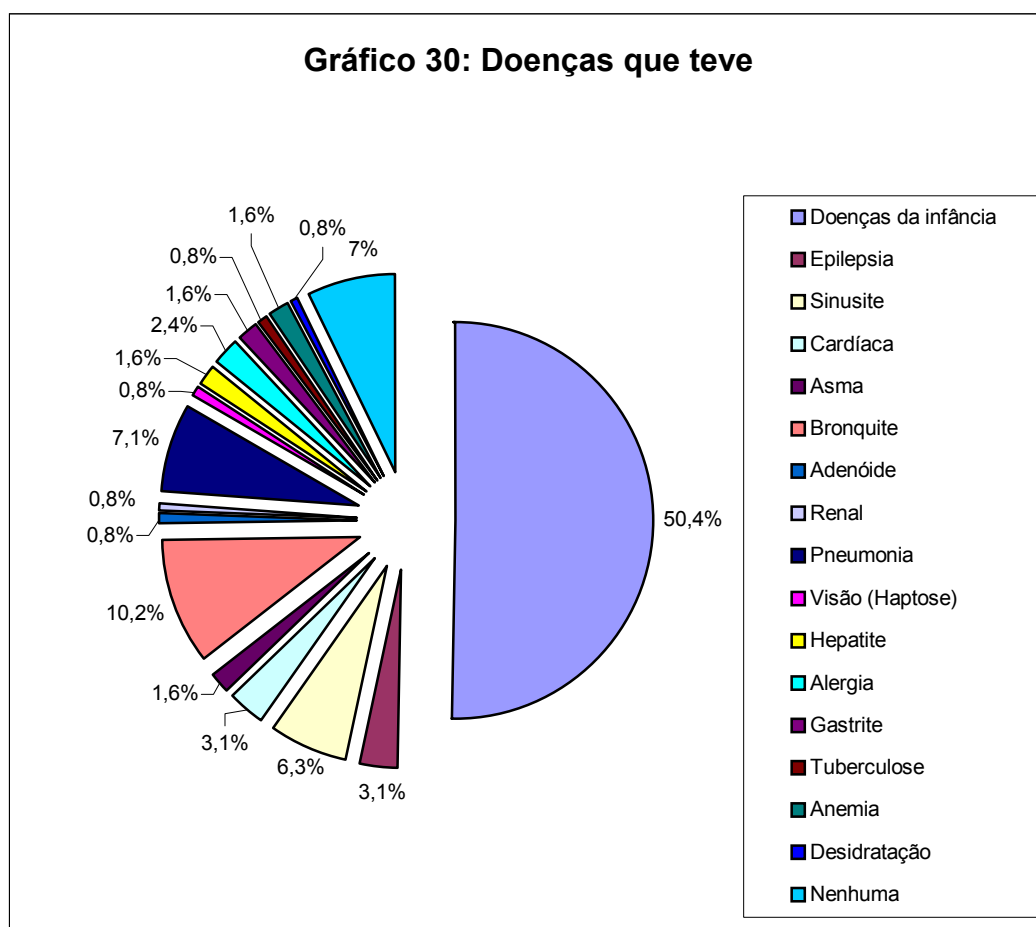


Tabela 30: Doenças que teve

Acidente	Quantidade	%
Doenças da infância	64	50,4
Epilepsia	4	3,1
Sinusite	8	6,3
Cardíaca	4	3,1
Asma	2	1,6
Bronquite	13	10,2
Adenóide	1	0,8
Renal	1	0,8

Pneumonia	9	7,1
Visão (Haptose)	1	0,8
Hepatite	2	1,6
Alergia	3	2,4
Gastrite	2	1,6
Tuberculose	1	0,8
Anemia	2	1,6
Desidratação	1	0,8
Nenhuma	9	7,1
TOTAL	127	100,0



O quadro de doenças que já tiveram mostra alto índice de bronquites e pneumonia, além de sinusite e doenças cardíacas, o que leva à análise de problemas de caráter físico decorrentes da baixa resistência, ocasionadas pelas longas jornadas de trabalho, que às vezes chegam a ultrapassar as oito horas por dia. Também existem evidências de que algumas adolescentes são vítimas de abuso físico, mental e sexual, sendo, portanto, inevitável que, crescendo nesse ambiente, elas sofram danos permanentes, tanto psicológicos como emocionais.

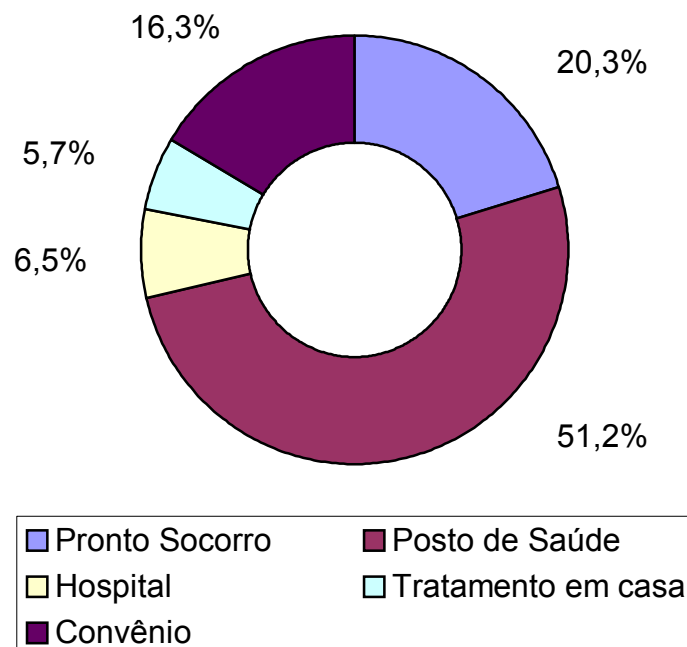
Quanto ao local médico em que foram atendidos quando apresentam sintoma físico relacionado ao trabalho, 51,2% das crianças e adolescentes responderam que são atendidos nos

Postos de Saúde, 20,3% são atendidos em Pronto-Socorro, 6,5% são atendidos nos hospitais e 5,7% são atendidos em casa.

Tabela 31: Local médico que foi atendido

Local de atendimento	Quantidade	%
Pronto Socorro	25	20,3
Posto de Saúde	63	51,2
Hospital	8	6,5
Tratamento em casa	7	5,7
Convênio	20	16,3
TOTAL	123	100,0

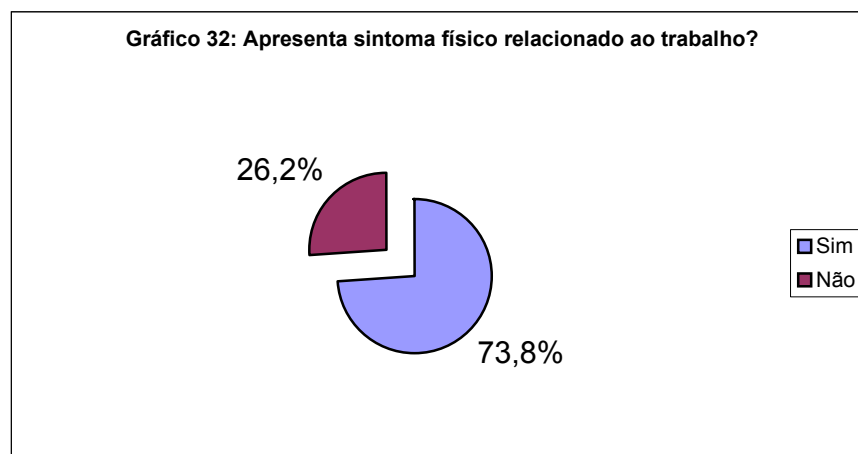
Gráfico 31: Local médico que foi atendido



Quando perguntados sobre o aparecimento de sintomas físicos referentes ao trabalho, 73,8% disseram ter um ou mais problemas, enquanto que 26,2% não identificaram qualquer problema. Esse quadro demonstra o alto índice de sintomas físicos relacionados a atividade laboral.

Tabela 32: Apresenta sintoma físico relacionado ao trabalho?

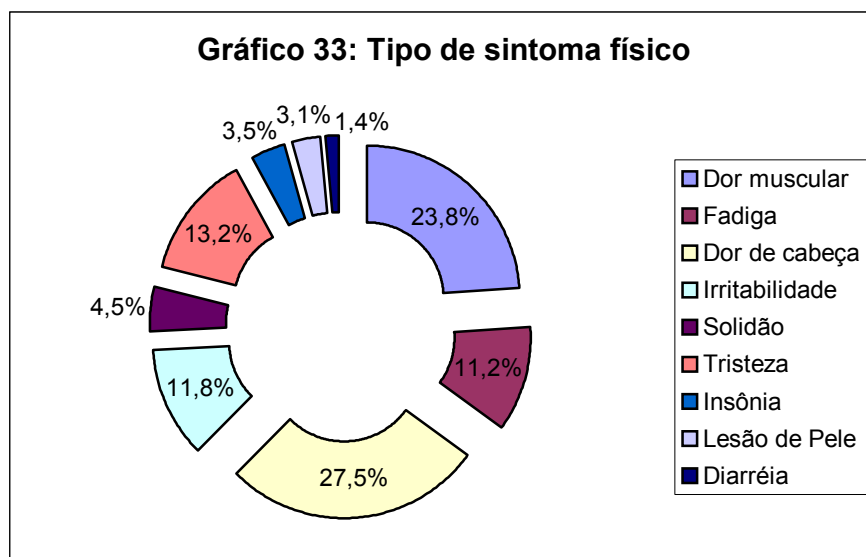
Sintoma físico	Quantidade	%
Sim	237	73,8
Não	84	26,2
TOTAL	321	100,0



No que se refere ao tipo de sintoma físico, verificamos que, além de outras perturbações, 27,5% das crianças e adolescentes apresentam constantes dores de cabeça, 23,8% tem dores musculares, 13,2% sentem tristeza, 11,8% apresentam irritabilidade excessiva, 11,2% apresentam fadiga, além de outros distúrbios como solidão, insônia, lesão de pele, diarreia, o que caracteriza o desconforto permanente e a falta das condições adequadas à uma fase da vida que necessita de tempo para o estudo, para o descanso e para o lazer. Essas crianças e adolescentes, portanto, estão mais expostos a fatores de tensão como doenças, fadigas musculares, estresse, entre outras.

Tabela 33: Tipo de sintoma físico

Tipo	Quantidade	%
Dor muscular	117	23,8
Fadiga	55	11,2
Dor de cabeça	135	27,5
Irritabilidade	58	11,8
Solidão	22	4,5
Tristeza	65	13,2
Insônia	17	3,5
Lesão de Pele	15	3,1
Diarreia	7	1,4
TOTAL	491	100,0



Vale lembrar que o ECA – Estatuto de Crianças e do Adolescente, Título II, Cap.I, “Ao direito à vida e à saúde”, o Art.7º afirma que a criança e o adolescente tem direito a proteção à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.

O ECA atribui ao Estado e a Sociedade a tarefa e a prerrogativa de cuidar de crianças e concebe os direitos humanos de uma forma ampla em que a saúde física e psíquica sejam contempladas na dimensão de que a infância e a adolescência é um momento de preparação para a vida e devem merecer determinados cuidados que garantam as possibilidades futuras.

V - O TRABALHO DOMÉSTICO INFANTO-JUVENIL E O LAZER

O lazer é considerado uma questão de cidadania, de participação cultural como atividade não conformista, mas crítica e criativa de sujeitos históricos. A participação cultural é uma das bases para a renovação democrática e humanista da cultura e da sociedade. Deve também gerar valores que ampliem o universo da manifestação do brinquedo, do jogo, da festa, da recreação, para além do próprio lazer.

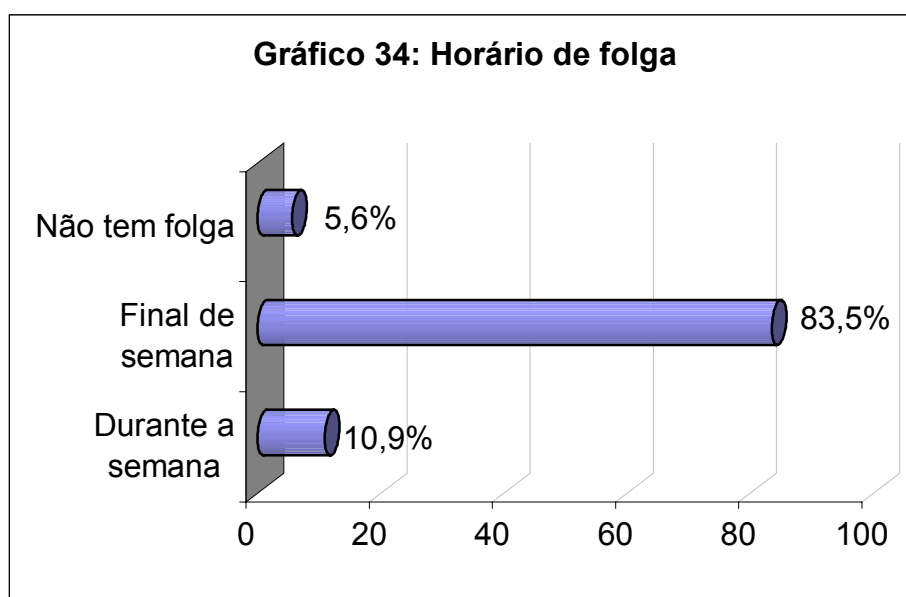
Na constituição de 1988, o lazer consta do Título II, Capítulo II, Art.6º, como um dos direitos sociais. No ECA, consta do Cap.IV “Do direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer”.

Apesar da legislação vigente, as condições de trabalho dessas crianças e adolescentes dependem inteiramente dos caprichos de seus empregadores, que não levam em conta seus direitos legais; são privados de brincadeiras e atividades sociais e de apoio emocional por parte da família e de amigos.

No decorrer da pesquisa, quando questionados sobre o horário de folga, 83,5% responderam que tem apenas o final de semana, enquanto 10,9% possuem também tempo livre durante a semana, sendo que 5,6% responderam que não possuem nenhum horário de folga.

Tabela 34: Horário de folga

Horário	Quantidade	%
Durante a semana	35	10,9
Final de semana	268	83,5
Não tem folga	18	5,6
TOTAL	321	100,0



O lazer restringe-se ao espaço doméstico para a maioria das crianças e adolescentes pesquisados, sendo dependente das condições materiais e estilo de vida familiar.

Quando avaliam o seu cotidiano, o tempo é reconhecido como trabalho e escola. Na atividade escolar, consideram que o tempo de intervalo para o recreio é pequeno.

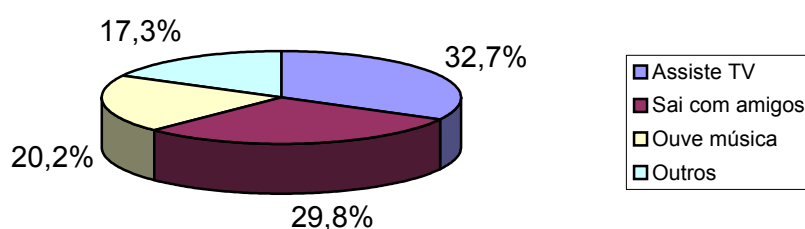
No final de semana, geralmente as meninas têm a responsabilidade de fazer seus deveres de escola, mas também ajudam a família, quando cuidam dos irmãos menores, momentos em que as garotas brincam e conversam sobre namoros.

Sobre as atividades que desenvolvem nos horários de folga, os pesquisados responderam, em ordem de prioridade: assiste TV (32,7%), sai com os amigos (29,8%), ouve música (20,2%), ajuda em casa (19,3%), joga bola (14,8%), pratica esporte (11,4%), toma tereré (11,4%), estuda ou passeia pela cidade (9,1%).

Tabela 35: O que faz no horário de folga

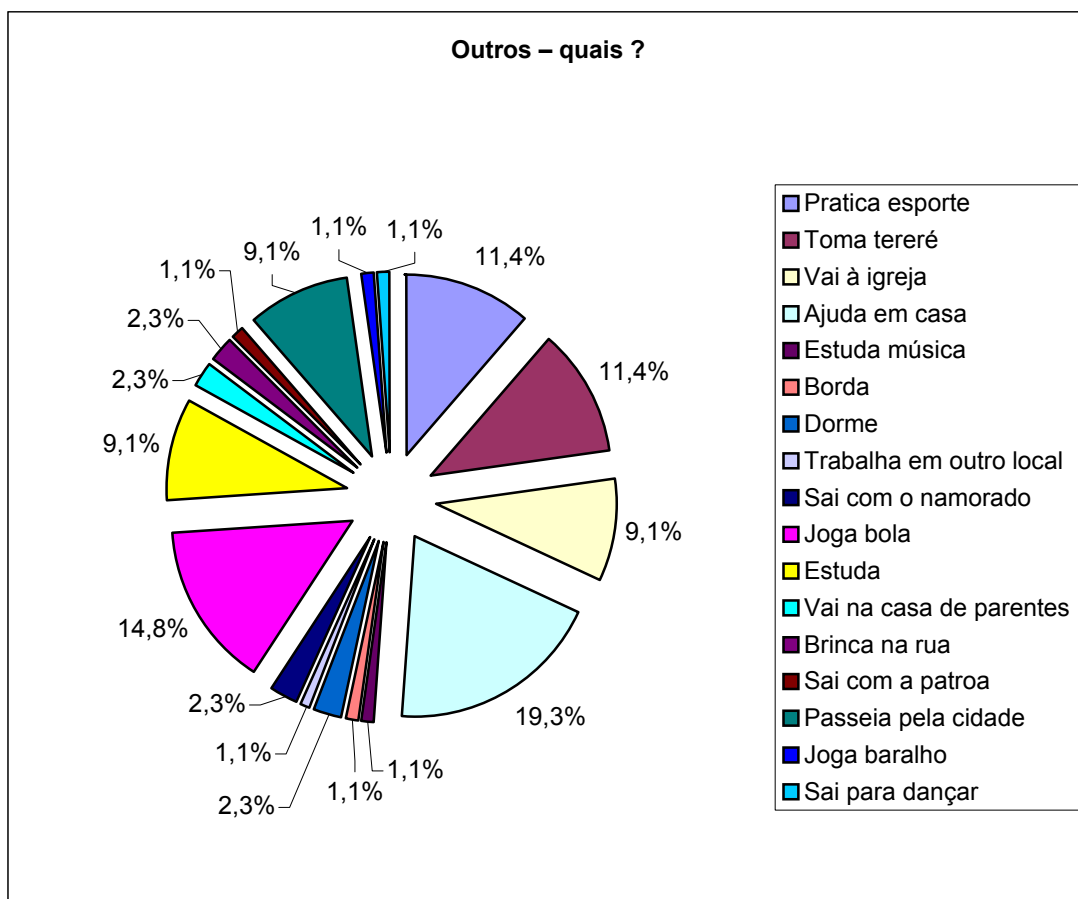
Atividade	Quantidade	%
Assiste TV	167	32,7
Sai com amigos	152	29,8
Ouve música	103	20,2
Outros	88	17,3
TOTAL	510	100,0

Gráfico 35: O que faz no horário de folga



Outros – quais?	Quantidade	%
Pratica esporte	10	11,4
Toma tereré	10	11,4
Vai à igreja	8	9,1
Ajuda em casa	17	19,3
Estuda música	1	1,1
Borda	1	1,1
Dorme	2	2,3
Trabalha em outro local	1	1,1
Sai com o namorado	2	2,3
Joga bola	13	14,8
Estuda	8	9,1
Vai na casa de parentes	2	2,3

Brinca na rua	2	2,3
Sai com a patroa	1	1,1
Passeia pela cidade	8	9,1
Joga baralho	1	1,1
Sai para dançar	1	1,1
TOTAL	88	100,0



VI - O TRABALHADOR DOMÉSTICO INFANTO-JUVENIL E SUA FAMÍLIA

Com relação à família, nossa preocupação se voltou mais para a relação *ocupação-salário-escolaridade*. Isto para identificar se a criança/adolescente trabalha porque precisa complementar a renda da família e se a escolaridade influencia na obtenção de ocupação e, por conseguinte na renda.

Sobre a caracterização das famílias de grupos populares, Maria Luiza Heilborn, comenta:

"... estudos apontam para a presença da noção do trabalho como valor social importante para família na socialização dos filhos e de que modo a experiência laboral reveste-se de importância na construção da identidade social" (HEILBORN, 2000: 04).

A atividade profissional dos pais dos nossos entrevistados, não requer grau de escolaridade elevado, o que foi confirmado pela pesquisa realizada.

Tabela 36: Ocupação dos pais

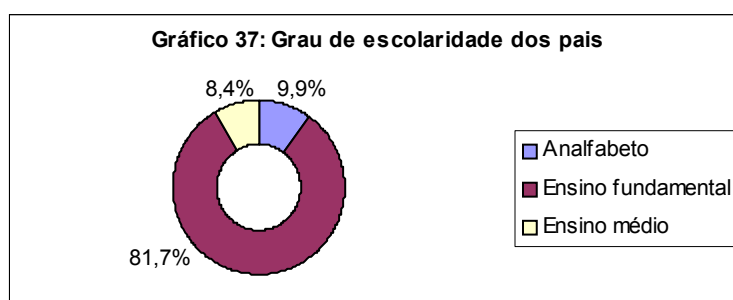
Ocupação	Quantidade	%
Sem terra	4	0,8
Serviços Domesticos	162	32,0
Bicicleteiro	3	0,6
Saqueiro	2	0,4
Comerciante	7	1,4
Auxiliar de enfermagem	2	0,4
Aposentado/Pensionista	22	4,3
Motorista	11	2,2
Mecânico	15	3,0
Crecheira	3	0,6
Agente de saúde	2	0,4
Serviços gerais	29	5,7
Vendedor	11	2,2
Do lar	55	10,8
Professora	1	0,2
Agricultor (a)	9	1,8
Construção Civil	87	17,2
Garçom	3	0,6
Segurança	13	2,6
Decorador	1	0,2
Operador de máquina	2	0,4
Jardineiro	7	1,4
Caseiro de chácara	5	1,0
Telefonista	3	0,6
Cabelereiro	1	0,2
Músico	1	0,2
Funileiro	1	0,2
Fotógrafo	1	0,2
Serralheiro	1	0,2
Artesão	1	0,2
Cobrador	1	0,2
Desempregado	24	4,7
Marmorista	1	0,2
Manicure	1	0,2
Funcionária Pública	1	0,2
Frentista	5	1,0
Escritor	1	0,2
Costureira	3	0,6
Terraplanagem	2	0,4
Açougueiro	3	0,6
TOTAL	507	100,0

Se praticamente 10% dos pais são analfabetos, 6% não têm renda ou recebem menos que um salário e 4,7% estão desempregados, é possível concluir que o analfabetismo contribui para a falta de salário.

Número expressivo (81,7%), freqüentou o ensino fundamental e os que freqüentaram o Ensino Médio (8,4%) é inferior ao percentual de analfabetos.

Tabela 37: Grau de escolaridade dos pais

Escolaridade dos pais	Quantidade	%
Analfabeto	38	9,9
Ensino fundamental	312	81,7
Ensino médio	32	8,4
TOTAL	382	100,0



O nível de escolaridade dos pais e mães das crianças/adolescentes que executam o trabalho doméstico é inferior em relação aos das que não trabalham.

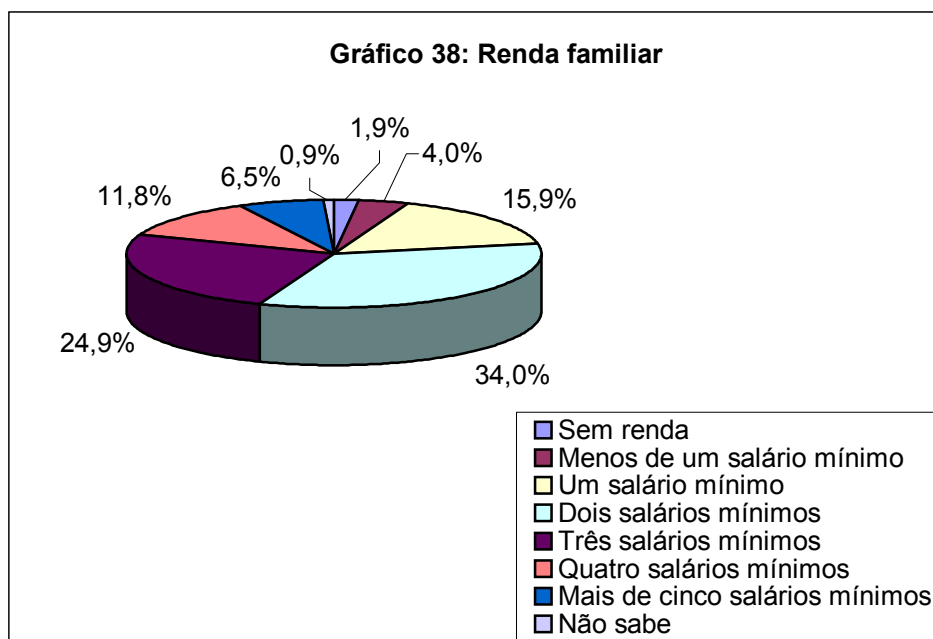
Do total de famílias pesquisadas foram detectadas 507 (quinhentos e sete) pessoas exercendo ou com capacidade de exercer atividade econômica rentável. Dessas, 24 (vinte e quatro), estavam desempregadas (4,7%) e 483 (quatrocentas e oitenta e três) trabalhando, portanto, há mais de uma pessoa exercendo atividades para a subsistência do grupo familiar. Normalmente pai e mãe ou responsável pela criança e muitas vezes só a mãe.

A ocupação mais frequente é a de Serviços Domésticos e assemelhados (32%), seguida pela Construção Civil (17%), atividades estas que não requerem a comprovação de escolaridade na hora de contratar e que também engloba grande número de contratos irregulares (sem carteira assinada). Além disso, analisando a relação de ocupação dos pais, percebe-se claramente que são atividades que não exigem muito com relação à escolarização.

Na faixa de um e dois salários mínimos estão 50% das famílias, entre três e quatro salários está um grupo de aproximadamente 37%. Mais de cinco salários, apenas 6,5%.

Tabela 38: Renda familiar

Renda familiar	Quantidade	%
Sem renda	6	1,9
Menos de um salário mínimo	13	4,0
Um salário mínimo	51	15,9
Dois salários mínimos	109	34,0
Três salários mínimos	80	24,9
Quatro salários mínimos	38	11,8
Mais de cinco salários mínimos	21	6,5
Não sabe	3	0,9
TOTAL	321	100,0



Na sua grande maioria, as crianças e jovens que trabalham pertencem às famílias com renda de até 5 salários mínimos, seus pais têm precários vínculos empregatícios, sem qualificação ou reduzida formação profissional.

As famílias esperam de seus filhos colaboração nas atividades domésticas. As meninas aprendem que a casa é coisa de mulher e assim são preparadas para responderem a isto.

As meninas inseridas nesta atividade são provenientes de famílias muito pobres, cujos pais possuem baixa escolaridade. Este fator leva as famílias a buscarem uma complementação à renda e os faz recorrer do trabalho infantil.

É importante para a família é a noção do trabalho, que é tido como valor social. A socialização e a experiência, através da atividade laboral têm para a família visível sentido na construção da identidade social dos filhos.

A separação dos pais ou abandono, levam os filhos, a buscar meios de sustento próprio desde muito cedo, como registra o relato da pesquisadora: *"Ela sentiu a necessidade de trabalhar para ajudar a mãe em casa, quando o seu pai deixou a sua mãe pela primeira vez, quando tinha 11 anos..."*(M.L.)

Os pais que têm menos escolaridade tendem a dar menor importância à educação dos filhos, enquanto que os pais com maior grau de escolaridade têm melhor facilidade em auxiliar seus filhos em tarefas escolares.

As crianças/adolescentes, não têm muito claro o efeito da baixa renda familiar e como os adolescentes têm necessidades sociais perante o grupo, trabalham para atender essas necessidades que os pais não conseguem garantir.

Vejamos o que foi registrado pela pesquisadora (A.M.) perante F., uma adolescente de 16 anos, que cursa o segundo ano do Ensino Médio: *"... trabalho porque gosto e também porque já está mocinha e precisa comprar "coisas" para si e não quer depender do pai"*.

VII – O COTIDIANO DO TRABALHADOR DOMÉSTICO INFANTO-JUVENIL

O cotidiano nada mais é do que o dia-a-dia da vida de todas as pessoas. Envolve todos os aspectos da vida humana, como personalidade, sentimentos, idéias, hábitos, atos, costumes e outros elementos que caracterizam a vida do homem. É o repetitivo, que começa, acaba e recomeça da mesma forma.

O ser humano já nasce inserido em um cotidiano, porém, vai adquirindo amadurecimento e novas habilidades conforme assimila as normas e estabelece relações sociais. O processo de aprendizagem das ações cotidianas ocorre por meio da execução, imitação e observação dos fatos. É através dos ensinamentos do dia-a-dia que o indivíduo interioriza a ideologia.

Portanto, estudar o cotidiano é analisar uma parcela da própria história. Ele está presente em todas as esferas de vida do indivíduo, seja no trabalho, na vida familiar, nas suas relações sociais, lazer, etc...

Como o trabalho ocupa a maior parte do dia-a-dia dos seres humanos, ele também faz parte do cotidiano, e relaciona-se à execução de tarefas, muitas vezes pré-determinadas e repetitivas, como podemos perceber nos depoimentos das crianças/adolescentes pesquisados:

"Levanto cedo, passo roupa e começo a limpeza. À tarde almoço, assisto TV, passeio com as crianças, lanche, tomo banho, às vezes vou a igreja, volto e vou dormir. Não gosto de estudar, não conheço computador, não sei o que é informática e espero me casar "(L.A. dos A.; 17 anos, não estuda e parou na 3ª série do ensino fundamental);

"Levanto às 6:30, faço higiene, busco o bebê que cuido, deixo-o brincando e vou fazer o serviço de casa. Ele dorme e a mãe dele vem buscar a tarde. Não tenho sonho nenhum e não espero nada" (A.S.;16 anos, não está estudando e parou na 4ª série do ensino fundamental);

"Acordo cedo e chego no serviço irritada porque o ônibus é muito lotado. Arrumo as coisas, tomo café, cuido da casa e das crianças. Eu gosto de lá, eles são legais, a dona e o marido são de respeito. Meu sonho é trabalhar num emprego melhor e sair para passear "(C.A.da S.;17 anos, 7ª série).

Analisando estas falas verificamos que as adolescentes levantam cedo, e possuem uma rotina que é composta por atividades do serviço doméstico como lavar, passar, fazer limpeza e cuidar das crianças. Percebemos ainda que tem as que não gostam de estudar, e uma até demonstra desmotivação pela vida, uma vez que não tem nenhum sonho e não espera nada. Enquanto que o sonho da outra é se casar, isto é, manter a concepção de que a mulher nasceu para ser do lar, e que para isto não necessita do estudo. No entanto, a que estuda almeja e busca melhores perspectivas de vida.

Verificamos também que o cotidiano é permeado por inúmeras tarefas, às quais não se diferenciam das executadas pelos adultos. Estas ocupam todo o tempo das adolescentes, muitas vezes não sobrando horários para o lazer. Isto foi expressado por C.A., onde seu sonho é sair para passear.

O cotidiano da maioria dos pesquisados é permeado por trabalho e estudo. E tendo em vista que a grande parte dos entrevistados desempenham a função de babá, o cotidiano foi assim descrito: *"Cuido da criança em minha própria casa. Brinco com o bebê, coloco-o para dormir e faço as minhas tarefas escolares. A mãe da criança o pega às dezoito horas. O que faço é dedicar todo tempo ao bebê e tenho que estar atenta com as suas refeições"* (F.L.T. 15 anos, cursa 8ª série do ensino fundamental).

Outras entrevistadas disseram que as suas rotinas são assim constituídas: levantam às 6 horas e vão para a escola. Depois do almoço vão para o trabalho cuidar de uma criança. Brincam com a mesma, fazem tarefas escolares enquanto a criança dorme. Quando esta acorda dão algo para ela comer, brincam com a mesma e assistem televisão. Vão embora para suas casas às 17 horas.

Ainda existe as que trabalham pela manhã e estudam à tarde, conforme nos relatou uma das entrevistadas: *"Levanto às 5 horas para dar remédio para a avó. Tomo banho, faço café, levo o primo na escola e vou para o trabalho. Lá eu faço a limpeza da casa, lavo e passo roupa duas vezes por semana. À tarde vou para a escola. Volto às 17:30 horas, assisto um pouco de televisão. Vou à mercearia de minha tia, fico um pouco e volto para estudar e ficar um pouco com a avó"*.

Outras disseram que trabalham o dia inteiro, fazem todo o serviço doméstico e estudam à noite.

Percebemos pelos depoimentos que essas adolescentes tem o seu dia-a-dia preenchido com as atividades que requerem esforço físico e mental, restando-lhes como diversão apenas assistir um pouco de TV.

Encontramos também crianças/adolescentes que saem à procura de serviço para ajudar no orçamento familiar. Os do sexo masculino tem o seu cotidiano preenchido com atividades de capinar, limpar quintal e cuidar de cachorros. Voltam para casa e vão à escola. Quando retornam jogam bola ou assistem televisão. Um assim se expressou: *"Sou feliz, mas gostaria que meu pai morasse aqui com a família. Gosto de ver televisão e não gosto de sair de casa. Me sinto só"* (T.P.C., 14 anos, sexo masculino, cursa a 8ª série do ensino fundamental).

Destacamos que a família é a mola mestra na formação e desenvolvimento das crianças/adolescentes. Esta deve lhes dar condições de vida, incluindo atenção, amor e carinho. Porém, o que constatamos é que as crianças/adolescentes das famílias de menor poder aquisitivo estão tendo um cotidiano permeado por responsabilidades e deveres como dos adultos, e muitas vezes sentem solidão e não vivenciam as atividades próprias à sua idade. Um adolescente disse: *"Não tenho perspectivas de vida, não me interessa pelos estudos. Meu único sonho é aprender computação e comprar um computador"* (F.S.A., 14 anos, estudante da 6ª série do ensino fundamental, mora com a mãe e o padrasto; jornada de 8 horas diárias).

A vida cotidiana, muitas vezes, estrutura-se e organiza-se em função de conveniências. Assim sendo, apresenta-se uma realidade interpretada pelos seres humanos e subjetivamente dotada de sentido para eles. Está organizada em torno do "aqui" e do "agora", do momento presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos esta pesquisa, consideramos que os objetivos foram alcançados, uma vez que levantamos dados relevantes sobre as condições de trabalho, de vida e de saúde dos trabalhadores domésticos infanto-juvenil, residentes em Campo Grande/MS, e que desenvolvem atividades remuneradas ou não, para terceiros.

Esses dados refletem a realidade do trabalhador doméstico infanto-juvenil, e se transformam em subsídios para os órgãos envolvidos com esta problemática, a avaliarem e redimensionarem as políticas e ações para esta área.

Quanto a dimensão e natureza do trabalho doméstico infanto-juvenil, o estudo nos mostrou que é majoritariamente executado pelo sexo feminino, com atividades de babá e serviços cotidianos do lar.

Verificamos que os entrevistados foram em maior proporção crianças/adolescentes da cor parda, na faixa etária de 13 a 17 anos, residentes com os pais e procedentes da zona urbana. A maior parte encontra-se estudando, porém 19,9% não estudam. Dos que estudam, o maior percentual frequenta o ensino fundamental no período noturno. A maioria (74,3%) alegou que o trabalho não atrapalha os estudos, no entanto 25,7% afirmou que atrapalha. Sendo os principais motivos o cansaço, falta de tempo e o sono.

Quanto a questão da reprovação escolar, há um número significativo (67,3%) de reprovações, enquanto que apenas 32,7% não reprovaram nenhuma vez. Esses dados nos mostram que as crianças que reprovaram estão fora da faixa etária, caracterizando defasagem ensino/aprendizagem. A maior incidência de reprovação ocorre nas séries iniciais do ensino fundamental, e 19,1% disse que não dedica nenhum tempo às tarefas escolares. Apesar disso, 53,3% dos que estudam avaliam o seu rendimento escolar como bom.

O trabalho doméstico infanto-juvenil é de difícil visibilidade, porém foi possível constatar que dos 321 pesquisados, 94,1% trabalham com remuneração e apenas 5,9% não são remunerados. A remuneração é variável, chegando em alguns casos a valores ínfimos. A principal forma de remuneração é a mensal.

Constatamos ainda que o trabalho doméstico infanto-juvenil revela um caráter discriminatório, uma vez que a sua maior concentração está entre grupos de famílias com baixa renda. E a opção pelo trabalho doméstico na infância está ligado à precariedade das condições de vida, pelas quais encontram-se estes sujeitos pesquisados.

Verificamos também que do total de pesquisados, apenas 102 adolescentes estão com idade para admissão ao trabalho, os outros estão em desacordo com a legislação vigente. Os principais motivos pelos quais começaram a trabalhar foram: ajudar no orçamento familiar, comprar coisas para si e por que queriam trabalhar. Com relação ao número de horas trabalhadas, constatamos que 44,8% desenvolvem atividades com jornadas acima de 7 horas diárias, o que traz consequências danosas ao estudo e à saúde das crianças e adolescentes. Para a maioria (56,7%) a frequência ao trabalho se dá todos os dias, com folga apenas nos

domingos. Como os trabalhadores estão fora da faixa etária permitida para o trabalho, não possuem registro em carteira.

Os dados nos mostram que 92,5% nunca sofreram violência física ou verbal, no entanto sabemos que a natureza do trabalho doméstico propicia situações de invisibilidade, permitindo abusos e falta de proteção. A violência às vezes é expressada por gritos, grosserias, chantagem, acusações, ameaças e também de forma física. Por serem crianças/adolescentes são mais vulneráveis, e estão sempre em situação de risco.

Quanto aos acidentes de trabalho 13,4% já sofreram algum tipo de acidente, sendo os mais comuns: cortes com faca, queda e queimaduras.

No que se refere às condições de saúde, os entrevistados declararam que não costumam adoecer. As doenças com maior ocorrência foram: doenças da infância, bronquites, pneumonias e sinusites. Demonstram problemas decorrentes da baixa resistência orgânica, ocasionados pela falta de condições adequadas de vida. Quando adoecem, o local médico mais procurado é o posto de saúde. Quanto ao aparecimento dos sintomas físicos referentes ao trabalho, 73,8% disseram ter um ou mais problemas, e os de maiores incidências foram, dores de cabeça e dor muscular.

O cotidiano da criança/adolescente trabalhador apresenta uma rotina sem muitos atrativos. Levantar bastante cedo, tomar a primeira refeição frugal (leite ou chá, café, pão), ir para o trabalho, cuidar de seus afazeres e depois ir para a escola. Não raro, nada comem pela manhã. Grande número estuda no período noturno (45%), pela manhã estudam 29% e os outros 25% estudam no período vespertino.

Quando a família é bem estruturada, mesmo pobres, as crianças/adolescentes ainda sonham com o futuro, querem ser alguém (médico, professor, etc.)

Brincar? Só roubando tempo entre uma atividade e outra. O lazer restringe-se ao espaço doméstico para a maioria dos pesquisados, sendo dependentes das condições materiais e estilo de vida familiar.

Em relação às famílias dos entrevistados, a principal ocupação dos pais é voltada aos serviços domésticos, o que não requer um grau de escolaridade elevado. Um número expressivo (81,7%) freqüentou apenas o ensino fundamental. Quanto à renda familiar, percebemos que há mais de uma pessoa exercendo atividades para a subsistência do grupo familiar. Esta situa-se para a maioria na faixa de dois a três salários mínimos. Este fator leva as famílias a buscarem uma complementação à renda, e os faz recorrer do trabalho infantil.

Concluindo este relato, queremos registrar que as pesquisadoras observaram que as crianças/adolescentes tiveram bastante dificuldade para narrar seu cotidiano e expor sobre suas condições de trabalho, vida e saúde. Há acentuada timidez e falta de espontaneidade, como se tivessem vergonha de falar de si próprias e de suas atividades. Consideramos que isto seja decorrente de uma auto-estima sofrível.

BIBLIOGRAFIA

ALBORNOS, Suzana. *O que é trabalho*. Coleção primeiros passos. Ed. Brasiliense 1992

BARROS, Ricardo Paes. *O trabalho infante - juvenil no Brasil*.

Organização Internacional do Trabalho — Brasil; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada — Diretoria de Estudos Sociais. Seminário Estratégias para combater o trabalho infantil no serviço doméstico. Brasília — DF. 2000.

COSTA, Antônio Gomes. *O Estatuto da Criança e do Adolescente e o Trabalho Infantil*. Ed. LTR. São Paulo.

HELLBORN, Maria Luiza. *Dimensões culturais do trabalho infantil feminino*.

Organização Internacional do Trabalho-Brasil; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Diretoria de Estudos Sociais. Seminário Estratégias para combater o trabalho infantil no serviço doméstico. Brasília — DF. 2000.

MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de Souza. *Trabalho e Exclusão Social*. In: Trabalho, Crise e Alternativas. Paulus. 1995.

MELO, Hildete Pereira de. *Trabalhadoras domésticas: O eterno lugar feminino*

- *Uma análise dos grupos ocupacionais*. Organização Internacional do Trabalho

— Brasil; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada — Diretoria de Estudos

Sociais. Seminário Estratégias para combater o trabalho infantil no serviço doméstico. Brasília — DF. 2000.

OIT — Organização Internacional do Trabalho. *A força da lei*. Caderno nº 2. Brasília. 1995.

_____ *Conselhos de Direitos, Conselhos Tutelares e Abolição do Trabalho Infantil*. Caderno nº 3. Brasília. 1995.

SABÓIA, Ana Lúcia. *As meninas empregadas domésticas: uma caracterização sócio econômica*.

Organização Internacional do Trabalho - Brasil; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada — Diretoria de estudos sociais. Seminário Estratégias para combater o trabalho infantil no serviço doméstico. Brasília — DF. 2000

SILVA, Maria Aparecida Moraes. *O trabalho informal: Realidade, Desafios, e Perspectivas*. In: O mundo do trabalho. Edições Paulinas. São Paulo. 1995.

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. *Situação Mundial da Infância*. Brasília 1997.

ANEXO 01

CARTA DE APRESENTAÇÃO

DA: Equipe de coordenação de pesquisa do Curso de Serviço Social da Universidade Católica Dom Bosco — UCDB

PARA: Trabalhadores domésticos infanta-juvenil.

ASSUNTO: Apresentação (FAZ)

Prezado (a) Trabalhador (a):

O estágio supervisionado é obrigatório no curso de Serviço Social conforme parecer nº 41 2/82 do Conselho Federal de Educação. O estágio Supervisionado 1 — Observação referente ao 4º semestre é desenvolvido através de uma pesquisa social de campo.

O tema da pesquisa é sobre o trabalho doméstico infanta-juvenil remunerado ou não realizado para terceiros.

O objetivo geral desta pesquisa é levantar dados sobre as condições de trabalho, de vida e de saúde de trabalhadores domésticos infanta-juvenil remunerados ou não, realizado para terceiros.

Esperamos através desta pesquisa produzir conhecimentos sobre esta realidade social e dessa forma oferecer ao poder público para que institua políticas públicas que possa atender esta questão: trabalho doméstico infanta-juvenil

Solicitamos a sua compreensão e contribuição permitindo que o grupo abaixo relacionado faça a coleta de dados através da observação participante, entrevista e formulário.

Antecipadamente agradecemos a sua colaboração.

Atenciosamente

Eloisa Castra Berro
Maria Aparecida de Assunção Ribeiro
Maria José Rodrigues da Cruz
Vânia Chaves de Aragão
Professoras Coordenadoras de Pesquisa
GRUPO Nº 01

Ivete Angela Lemes
Coordenadora de estágio
do Curso de Serviço Social

ANEXO 02

FORMULÁRIO

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO - UCDB
Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas — C.C.H.S.
Coordenação do Curso de Serviço Social

“O trabalho doméstico infanto-juvenil em Campo Grande/MS”

FORMULÁRIO

BLOCO 1- CONTROLE

Formulário nº: _____ Entrevistador (a): _____
Entrevistado (a): _____
Endereço do trabalho: _____
Grupo nº: _____
Conferido por: _____ Data: ____/____/____

BLOCO II - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Sexo: () Feminino () Masculino
Cor: () branca () parda () negra
Idade: _____ anos.
Naturalidade: _____
Reside com:
() Pai e mãe () Só mãe () Só pai
() No emprego - Porque? _____

() Outro Qual: _____
Procedência:
() zona rural
() urbana periférica

BLOCO III - ESCOLARIDADE

A criança/ adolescente estuda?
() Sim () Não

Qual a série/grau que frequenta? _____

Qual o período que estuda?

() Matutino () Vespertino () Noturno

O seu trabalho atrapalha o seu estudo?

() Não

() Sim. Por quais motivos?

() Cansaço

() Sono

() Falta de tempo para estudar

() Outro (s). Qual (is)? _____

Já reprovou alguma vez?

() Não

() Sim Qual (is) série (s)/ grau? _____

Qual o tempo que você dedica às tarefas escolares?

() matutino () vespertino () noturno () nenhum

Como você avalia o seu rendimento escolar?

() ruim () regular () bom () excelente

BLOCO IV - TRABALHO

Você é remunerado pelo seu trabalho?

() Não

() Sim Quanto?: R\$ _____

Uso da renda Mensal:

() Utiliza para si

() Outro uso - Qual(is)?: _____

Como é remunerado?

() Diário () Semanal () Mensal

Outro (s)? Qual (is)? _____

Idade em que começou a trabalhar?: _____ Por que? _____

Tipo de atividade quando começou a trabalhar: _____

O tipo de trabalho que executa:

() babá () jardinagem () lavadeira () () passadeira

() limpeza de casa () cozinheiro (a)

() Outro (s) Qual (is)? _____

Número de horas que trabalha por dia: _____

Frequência no trabalho:

() todos os dias (com folga no domingo)

() todos os dias (sem folga no Domingo)

() três vezes por semana

() duas vezes por semana

() uma vez por semana

() outro — Qual?: _____

Possui registro em carteira?

() Sim () Não

Você já sofreu ou sofre alguma violência verbal ou física, chantagem, acusação de roubo, ameaças no seu trabalho?

() Não

() Sim — Qual (is)? _____

BLOCO V - SAÚDE

Já sofreu algum acidente de trabalho?

() Não

() Sim — Que tipo de acidente: _____

Costuma ficar doente?

() Sim () Não

Que tipo de doença você já teve? _____

Quando fica doente aonde é atendido?

() Pronto Socorro

() Posto de Saúde

() Convênio

() Outro (5) Qual (is): _____

Apresenta algum sintoma físico que possa estar relacionado ao trabalho?

() dor muscular

() lesão de pele

() Irritabilidade

- | | | |
|--|-----------------------------------|-----------------------------------|
| ☐ fadiga | ☐ solidão | ☐ diarreia |
| ☐ dor de cabeça | ☐ tristeza | ☐ insônia |

BLOCO VI - LAZER

Tem horário de folga?

- ☐ Durante a semana
☐ Final de semana
☐ Não tem folga

O que faz no horário de folga:

- ☐ Assiste TV
☐ Saí com amigos
☐ Ouve música
☐ Outro (s) Qual (is): _____

BLOCO VII - FAMILIA

Qual o tipo de atividade dos pais e/ou responsável:

Qual a escolaridade dos pais e/ou responsável:

Qual a renda familiar:

- ☐ Sem renda
☐ menos de um salário mínimo
☐ um salário mínimo
☐ dois salários mínimos
☐ três salários mínimos
☐ Quatro salários mínimos
☐ Mais de cinco salários mínimos.
☐ Fale sobre um dia do seu cotidiano no trabalho

